

U



C •

FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Demóstenes

Filípicas I e II

Estudo introdutório,
tradução e comentário

Elisabete Cação dos Santos

Coimbra, Outubro de 2010

Faculdade de Letras
da
Universidade de Coimbra

Demóstenes
Filípicas I e II

Estudo introdutório,
tradução e comentário

Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos,
especialização em Mundo Antigo apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a
orientação do Professor Doutor José Ribeiro Ferreira

Coimbra, Outubro de 2010

Sumário

Capítulo I	Introdução	1
I.1	<i>Contexto Geral</i>	2
I.1.1	Reis da Macedónia	2
I.1.2	Ascensão de Filipe (vida até 357)	3
I.1.3	Conquistas de Filipe (até à <i>Primeira Filípica</i> - 351)	4
I.2	<i>Contexto sociopolítico da Primeira Filípica</i>	9
I.2.1	Paz entre Filipe e Atenas em 359	9
I.2.2	A Guerra Social ou dos Aliados (357-355)	10
I.2.3	Os Atenienses na Terceira Guerra Sagrada	11
I.2.4	Política financeira	12
I.3	<i>Terceira Guerra Sagrada (355-346)</i>	15
I.3.1	Beligerantes e causas	15
I.3.2	Interpelações dos beligerantes a Filipe e campanhas deste	16
I.3.3	Razões que levaram à Paz	19
I.4	<i>Paz de Filócrates</i>	21
I.4.1	A primeira embaixada	21
I.4.2	A segunda embaixada e a importância da sua delonga no regresso a Atenas	23
I.4.3	A capitulação dos Focídios	25
I.5	<i>Contexto sociopolítico da Segunda Filípica</i>	28
I.5.1	Degradação da paz	28
I.5.2	Incursão de Demóstenes pelo Peloponeso	29
I.6	<i>Desenvolvimentos posteriores e desfecho da Batalha de Queroneia</i>	30
I.6.1	Conflito aberto no Quersoneso	30
I.6.2	<i>Terceira Filípica</i>	31
I.6.3	Declaração de guerra de Atenas a Filipe	32
I.6.4	Batalha de Queroneia em 338	33

Capítulo II	<i>Primeira Filípica</i>	35
II.1	<i>Introdução e comentário</i>	35
II.2	<i>Tradução da Primeira Filípica</i>	52
Capítulo III	<i>Segunda Filípica</i>	67
III.1	<i>Introdução e comentário</i>	67
III.2	<i>Tradução da Segunda Filípica</i>	79
Bibliografia	90
Anexo	93
A.1	<i>A expansão do poder macedónico, 359-336</i>	93

A edição que serviu de base à presente
tradução é a de FUHR, C., *Demosthenis Orationes*,
Leipzig, Bibliotheca Teubneriana, 1994.

Todas as datas que se apresentam, neste texto,
são anteriores à Era Cristã.

Capítulo I

Introdução

Esta introdução pretende dar a conhecer os contornos sociopolíticos gerais que tiveram lugar antes e durante o espaço de tempo decorrido entre as duas primeiras *Filípicas* de Demóstenes.

Os principais episódios que expomos são, sobretudo, acerca da interacção e desenvolvimento de relações de Filipe com Atenas, desde 359 a 338.

Começamos por fazer breve resenha do contexto da Macedónia antes e durante a emergência de Filipe II, passando pelos conflitos armados durante esse período, a Guerra Social (357-355) e a Terceira Guerra Sagrada (355-346), esta que culmina nas negociações da Paz de Filócrates em 346; inserimos ainda temporal e respectivamente dois tópicos sobre o contexto sociopolítico das duas *Filípicas* em tradução.

O último tópico deste trabalho, em conclusão, dedica-se, essencialmente, a traçar acontecimentos que se sucederam, depois de Demóstenes apresentar na Assembleia os três discursos contra Filipe, ou possivelmente quatro.

I.1 Contexto Geral

I.1.1 Reis da Macedónia

Amintas III, rei da Macedónia, teve três filhos varões. Foram reis Alexandre II e Pérdicas III, cuja morte teve por substituto, não o seu filho Amintas, mas Filipe II da Macedónia, a sua regência se não mesmo logo o governo efectivo.

No entanto, depois de uma incursão de Tebas contra Pela, ainda antes do seu governo, Filipe II foi entregue ao tebano Pelópidas como refém. Durante a sua permanência em Tebas, Filipe observou as táticas militares dos Tebanos, cuja supremacia, por meados do século IV, se evidenciava em campanhas na Guerra da Beócia, tendo seu ponto culminante na Batalha de Leuctras, contra Esparta. Para além disso, "he had learned at Thebes, among other lessons, to appreciate Hellenic Literature and refinement; he encouraged dramatic artists to visit his Court at Pella; and, when the time came, he engaged Aristotle himself as the tutor of his young son Alexander."¹¹

As primeiras medidas de Filipe, ao tomar o poder, cerca de 360, assentaram na diplomacia, na qual Atenas se envolve por querer reaver antigos territórios, principalmente Anfípolis²; na reorganização do exército macedónico, pois haviam sofrido pesada derrota recentemente com Ilírios; e, conseqüentemente, na elevação de moral ('morale raising'³) do seu exército.

¹ Pickard-Cambridge (1979), p. 149.

² Temos conhecimento de uma paz e aliança entre Filipe e Atenas em 359, humilhante para a macedónia, uma vez que garante o domínio Ateniense nos principais portos na costa macedónica. No entanto, não podemos deixar de referir que, mesmo em Atenas, existia um partido pró-Macedónia. Havia, portanto, facções divergentes: uns que viam nele o inimigo comum dos gregos, onde inserimos a perspectiva de Demóstenes, e outros, como Isócrates, veriam nele o unificador da Grécia, general que os guiaria na luta contra o inimigo bárbaro persa.

³ Lewis, D. M., Boardman J., Hornblower S., Ostwald M., *The Cambridge Ancient History: The Fourth Century*, Volume VI, 1994.

Filipe recorre também a casamentos para impor alianças sobre os povos que dominará posteriormente. Supõe-se até que o conflito com os Ilírios terá terminado no seu primeiro casamento com Audata. Mais tarde terá feito um matrimónio/aliança com Fila, princesa da casa real dos Elimiotas; terá casado com Filina, em 358, descendente dos Alévadas, começando assim o seu envolvimento com os Tessálios; e por fim, no ano seguinte, desposa Olímpia, mãe de Alexandre, o Grande.

I.1.2 Ascensão de Filipe (vida até 357)

Muitas das vitórias de Filipe, durante a sua ascensão, ficar-se-ão a dever ao treino e inovações introduzidos no exército, depois da sua reorganização.

Em pouco mais de dois anos, com vitórias esmagadoras e surpreendentes, Filipe conquista boa parte do território de oeste a este da Macedónia. Conta-se que, com um exército de 10.000 homens de infantaria e 600 cavaleiros, em 359, tem o primeiro êxito - derrota infligida aos Dardânios. Citamos Ellis⁴ sobre o aumento de efectivos no exército: "twenty-four years later, figures above 30.000 + 4.000 (Diod. XVII.17) were possible. The annexations of 358 and succeeding years will not alone account for the difference, nor for the greatly improved ratio of cavalry to infantry. Natural population increase during a reign that brought unprecedented security; rising prosperity as a further consequence; land grants from the conquered territories."

De 359 a 357, Filipe, quer por subornos e promessas, quer por força das armas, toma os Peónios e os Ilírios, a norte da Macedónia, e os Trácios, a este.

⁴ Ibidem, cap. 14, p. 735 e ss.

I.1.3 Conquistas de Filipe (até à *Primeira Filípica* - 351)

Em 357, segue-se o problemático caso de Anfípolis.

Anfípolis era um entreposto a norte, na Trácia, cuja principal função comercial era fornecer prata e madeira para construção de barcos. Anfípolis, segundo Plutarco⁵, foi tomada por Címon e tornou-se uma colónia Ateniense, desde a formação da Liga de Delos. Em 424, em plena Guerra do Peloponeso, os Atenienses perderam-na para Esparta (Tuc. IV. 105-6). Em 422, na celebração da Paz de Nícias, o tratado ratificava que Anfípolis deveria ser devolvida aos Atenienses. Em 371, após a batalha de Leuctras, Anfípolis e o Quersoneso, pois ambos eram símbolo do Imperialismo Ateniense do século V, eram reconhecidos como colónias Atenienses, pelos Gregos, por Amintas III da Macedónia e pelo Rei Persa. E na posse de Atenas continuaram até 357 quando Anfípolis é tomada por Filipe II da Macedónia.

Diz Demóstenes⁶, que, em 357, teria havido um pacto secreto entre Atenienses e Filipe, que ditaria a situação de Anfípolis: Atenas assinaria uma paz com Filipe sob condição de ele abandonar todas as reivindicações sobre Anfípolis. Rhodes⁷ afirma que "that cannot have been a secret treaty, since only the assembly could commit Athens to a treaty, but there could have been secret negotiations". Carlier⁸, embora na mesma linha de pensamento, vai mais longe:

"un pacte secret par une démocratie directe comme celle d'Athènes était impossible: un pacte engageant la cité devait être voté par l'Assemblée, et s'il y avait discussion et vote publics, il n'y avait plus de secret. Cette objection est très discutable, car le peuple athénien était beaucoup moins

⁵ Plutarco, *Címon*, 7.3.

⁶ Dem. *Sobre a Falsa Embaixada*, XXIII, 116; *Olímpica II*, 6; *Sobre o Haloneso*, VII, 27; Teopompo *FGrH* 115 F 30.

⁷ Rhodes (2006), p. 299.

⁸ Carlier (1990), p. 96.

formaliste [...]. Les ambassadeurs athéniens pouvaient se contenter d'affirmer à la tribune que Philippe leur livrerait Amphipolis en échange d'une concession. [...] Par rapport aux clauses de 359, le pacte de 357 manifeste clairement les progrès de la puissance de Philippe et constitue de la part d'Athènes un aveu de faiblesse: les Athéniens comptent sur Philippe pour leur livrer une ville dont ils n'ont pas pu s'emparer.

Primeiro, poderá ter havido um pacto secreto entre Atenas e Filipe. Possivelmente é mais fácil acreditar em negociações, pois como explicam os dois autores os tratados de paz passam, obrigatoriamente, por discussão e votação pública, como se verá mais adiante, quando analisarmos o exemplo da Paz de Filócrates. Depois, sabemos que a concessão de que fala Carlier veio a confirmar como sendo Pidna, que os Atenienses então entregariam a Filipe em troca de Anfípolis. Por fim, por esta altura, em 357, Atenas ter-se-ia embrenhado na Guerra Social (357-355), que colocou Atenas e a Segunda Confederação Ateniense contra Quios, Rodes e Bizâncio. Logo, aquele "aveu de faiblesse", de que fala Carlier, denuncia a ocupação de Atenas noutros assuntos militares, na Guerra Social portanto, cuja situação não lhes permitiu estar mais perto dos assuntos relacionados com Anfípolis, ignorando inclusive um pedido de ajuda por parte dos Anfípolitenses e deixando, assim, caminho livre para Filipe.

E assim em 357, Filipe captura Anfípolis, como vimos, e depois Pidna, a cidade pela qual Atenas trocava a anterior. Não é surpresa quando a história nos diz que o Macedónio fica com as duas, não cumpre o suposto pacto com os Atenienses e continua a sua marcha cada vez mais para sul, em direcção à Ática.

Estão, pois, as atenções viradas para norte onde se digladiam não só duas, mas três potências: Filipe II da Macedónia, Atenas e Olinto, a cidade principal da Liga Calcídica. Sobre estas três forças, Carlier resume a estratégia de Filipe, a qual se pode adaptar, posteriormente, durante a

Terceira Guerra Sagrada, a Atenas, Tebas e Filipe. "Le jeu de Philippe consiste d'une part à empêcher toute alliance des deux grandes cités, d'autre part à s'appuyer alternativement sur chacune d'elles pour affaiblir l'autre."⁹ Ou seja, é clara a intenção de Filipe em manter cada um afastado do outro para que sozinho os pudesse dominar a ambos.

É assim que Filipe promete, como base da sua ajuda, dar Potideia aos Olínticos, em 356. A situação era a ideal para Filipe. Os Olínticos receiam um novo imperialismo de Atenas a norte, portanto celebram mais facilmente uma aliança com aquele que lhes promete Potideia, cidade há muito reivindicada pela Liga Calcídica, Filipe que, sem qualquer troca, lhes cede ainda Antemunte, precisamente da sua cidade.

Durante esse ano, Filipe provavelmente terá perdido o olho direito em campanhas na entretanto iniciada Terceira Guerra Sagrada (355-346), motivo que o deixou inactivo cerca de um ano.

É também nesta altura que Atenas se tenta aliar com os povos contra os quais Filipe teria empreendido guerra nos dois anos anteriores: os Peónios, os Ilírios e os Trácios. Mas estes povos são completamente submissos a Filipe. Resta, então, a norte um único lugar estratégico de onde sairia um provável e possível ataque contra Filipe: Metone.

Em 355, porém, Filipe começa o cerco a Metone tendo em conta que os Atenienses, finda a Guerra Social, não teriam forças para empreender uma luta grandiosa contra ele. Metone cai em 354. Sem qualquer possessão a norte, os Atenienses não imaginavam o perigo que Filipe seria dentro de poucos anos; antes acreditavam estas conquistas serem fruto de uma espécie de genética macedónica, pois já antes os seus antecessores tinham tentado conquistar territórios em volta do seu país.

Mas em 353, Olinto, que gozava da segurança e estabilidade da aliança com Filipe e com as cidades de Antemunte e Potideia por ele cedidas três anos antes, receia agora a crescente grandiosidade de Filipe, o que força a

⁹ Ibidem, p. 97 e ss.

cidade a voltar-se para Atenas e a pedir auxílio. Este acto, considera-o Filipe uma violação do acordo que tinham e invade a Península Calcídica, montando cerco a Olinto em 348. Atrasada a expedição ateniense pelos ventos etésios¹⁰ que os auxiliaria, Olinto capitula, a população é escravizada e a cidade destruída. Rhodes¹¹ explica que "Athens could not save Olynthus if Philip was determined to take it; Euboea in 348, like Thermopylae in 352, was more obviously relevant to the security of Athens, and it is not surprising that most Athenians thought Euboea more important than Olynthus."

Noutro ponto e a pedido da Tessália, já durante a intervenção na Terceira Guerra Sagrada, cujas causas e principais campanhas consequentes serão explicadas em capítulo próprio, Filipe conquista mais território a sul, em 352: nomeadamente, o porto de Págasas, local que impede o desembarque de forças de socorro atenienses, e chega mesmo às Termópilas no que apenas é impedido por uma expedição ateniense.

Com vasto território já conquistado e submetido, Atenas volta as suas atenções para o Quersoneso, na Trácia, em 352. Demóstenes, na *Terceira Olíntica*¹², relata o envio de força militar expedida para o Quersoneso para evitar deixar cair nas mãos de Filipe as cleruquias atenienses e o abastecimento de trigo para a Ática, uma vez que Filipe montou cerco a Heraion Teichos. Passar-se-ia a mesma situação aqui, como anos antes se passara com Potideia. Ambas foram tomadas com o propósito de as ceder, Heraion Teichos a Perinto, Olinto à Liga Calcídica, para depois as tomar a todas. No entanto, notícias de que Filipe estaria doente ou até morto, chegam a Atenas e a expedição para o Quersoneso não é enviada. É por esta razão que Demóstenes na *Primeira Filípica*, 11, pergunta se Filipe morreu, respondendo imediatamente que não, mas que estaria fraco – motivo

¹⁰ Ventos no Egeu que sopram durante o verão de norte para sul.

¹¹ Rhodes (2006), p. 306.

¹² Dem. *Ol. III*, 4.

suficiente para Atenas agir segundo a sua necessidade. Pois se não o atacam, diz Demóstenes, criarão um "novo Filipe" evitando assim combater os problemas reais dos Atenienses.

I.2 Contexto sociopolítico da *Primeira Filípica*

I.2.1 Paz entre Filipe e Atenas em 359

Quando Filipe sobe ao poder, as suas primeiras medidas terão incidido, como vimos, na diplomacia e nas questões militares. Teria já Filipe delineado o seu plano expansionista? Possivelmente não haveria ainda consciência das futuras realizações, porque embora tenha ganho bastantes vantagens, posses e domínio em pouco tempo, a verdade é que esses primeiros tempos de luta não estão isentos de derrotas, quer as primeiras que sofreu a norte da Macedónia contra os Peónios, os Ilírios e os Trácios, quer as que depois lhe advieram com o seu envolvimento em outras campanhas militares, como a Terceira Guerra Social, em que perdeu também contra Onomarco na Fócida.

Por se encontrar numa situação tanto difícil quanto delicada, a diplomacia macedónica assentou em alianças: sabemos dos quatro casamentos de Filipe, simbolizando a estabilidade com outros estados, e do acordo de paz e de aliança com Atenas em 359.

Este acordo advogava a proibição de incursões Atenienses na costa Macedónica, único impedimento para os seus barcos. Sendo assim, o acordo era bastante favorável para os Atenienses, já que lhes foi dada a possibilidade de tomar de novo Anfípolis, local preponderante da passagem da rota de prata e madeira vindos pelo vale do Estrímon, do Monte Pangeu. Não só, então, teriam Anfípolis, como conservariam ainda cidades estrategicamente colocadas que lhes permitiriam comércio em todo o Egeu. Na Península Calcídica, a norte, detinham Pidna e Potideia e, no Golfo Termaico, Metone; a nordeste de Atenas, o Quersoneso e Perinto, cujas cidades acabaram por sofrer com as investidas de Filipe, poucos anos mais tarde.

I.2.2 A Guerra Social ou dos Aliados (357-355)

A Guerra Social ou dos Aliados opôs, durante dois anos, Atenas e a Segunda Confederação Ateniense, contra, principalmente, Quios e Rodes, ajudados pelo estado independente de Bizâncio.

Após a batalha de Leuctras, os aliados de Atenas começam a sentir-se ameaçados por um crescente revivalismo dos ideais atenienses do século V. O receio de um novo imperialismo leva-os a revoltarem-se contra Atenas.

Provavelmente, o general Cares teria sido também agressivo com as duas cidades, Quios e Rodes e, além disso, a actividade de Tebas, auxiliar das cidades, teria dificultado a permanente fidelidade dos aliados com Atenas. No decorrer da guerra, o Rei Persa intervém também. Citamos o relato de Demóstenes na *Primeira Filípica*, 24:

[24] Mas desde que essas forças mercenárias, sozinhas, lutam para vós, vencem os amigos e os aliados; e os inimigos tornam-se maiores do que deviam. E lançando um olhar descuidado para a guerra da pólis, preferem partir para junto de Artábazo e para qualquer lugar; e o comandante segue-os, naturalmente. É que não há comando se não lhes derem salário.

O general Cares carecia de recursos, principalmente monetário, para suportar o seu exército. Por essa razão e compelido pelos seus mercenários, serviu o sátrapa Artábazo, que se teria revoltado contra o Rei Persa. Este, por sua vez, terá declarado aos Atenienses que daria o seu apoio a Quios e Rodes se estes não o repatriassem; e os Atenienses, querendo evitar um confronto com o Rei Persa assim o terão feito. Deste modo, foram obrigados a declarar a independência de Quios, Cós, Rodes e Bizâncio. Pouco depois Selimbra, Perinto, Metimna e Mitilene retirar-se-iam da Confederação¹³.

¹³ Pickard-Cambridge (1979), p. 124 e ss.

A Liga, apesar de continuar a existir, ficou moribunda e, com ela, também a moral Ateniense.

Assim, em 355, Atenas tinha perdido Anfípolis, Pidna e Potideia para Filipe. Participara nesta guerra dos Aliados durante dois anos, da qual saiu derrotada, tendo como preço de guerra declarar independência aos ex-aliados. Mais cidades desistiriam da sua participação na Segunda Confederação Ateniense. E rebentaria em 355, para durar até à celebração da Paz de Filócrates em 346, a Terceira Guerra Sagrada.

I.2.3 Os Atenienses na Terceira Guerra Sagrada

Terminada a Guerra Social, os Atenienses vêem-se imediatamente envolvidos na Terceira Guerra Sagrada.

Esta guerra é um dos factores que contribui para o discurso da *Primeira Filípica*, pois o Macedónio intervém nela, não por iniciativa própria, mas vendo no pedido de auxílio dos Tessálios, uma forma de 1) participar numa guerra de assuntos religiosos gregos, uma vez que ainda era considerado um bárbaro¹⁴ e, 2) de alguma maneira, impor a sua influência e mostrar que é tão pio e inflexível em assuntos religiosos quanto qualquer um dos gregos.

Por sua vez, os Atenienses apoiam a Fócida, a qual tinha sido, juntamente com os Espartanos, condenada a uma multa por ofensas graves a território sagrado. Desta forma, vemos Atenas principalmente ao lado de Esparta, sob pena de incorrer em qualquer animosidade contra Espartanos. Sabemos também que a sua participação nesta guerra nunca foi preponderante nem muito activa, pois Atenas também não queria apoiar sem

¹⁴ Demóstenes na *Terceira Filípica*, 31 insulta-o de forma tremenda: "[...] não só não é Grego, nem relacionado com os Gregos, como também nem sequer é bárbaro, de lugar onde nunca antes um bom escravo foi possível comprar".

qualquer reserva os Lacedemónios e os Fócios, considerados sacrílegos do Templo de Delfos.

Filipe, uma vez instalado na Tessália, ao contrário do que Demóstenes afirma na *Segunda Filípica* 22, terá interferido, primeiro, na sua política, expulsando tiranos da Tessália, e, segundo, em questões militares, o que lhe permitiu pouco tempo depois ser nomeado arconte da Tessália.

A partir daí, em 352, Filipe conquista mais um ponto importante, com a alegação de luta contra a Fócida: o porto de Págasas. Mas não só: é neste ano que o Macedónio pisa as Termópilas pela primeira vez, situação que muito alarma os Atenienses.

No entanto, no estreito, aquando da sua chegada, encontrar-se-iam contingentes Atenienses e Espartanos, contra os quais Filipe achou por bem manter-se inactivo, talvez por acreditar que o seu exército ainda não era suficientemente capaz de enfrentar Atenas e Esparta unidas¹⁵.

I.2.4 Política financeira

Não creio que os Atenienses tivessem dado pouca importância à perda de territórios a norte, como aparentemente parece.

Mas depois de perdas sucessivas e constantes, pois desde a captura de Anfípolis que os Atenienses estavam em movimento descendente, qual não seria o descrédito, quer politicamente, quer militarmente? Ao abrir a *Primeira Filípica*, a primeira advertência de Demóstenes centra-se sobretudo em não rezear a situação presente, pois Demóstenes, com certeza, teria em conta a conjuntura político-social, de modo a persuadir os Atenienses a escolherem as suas propostas como razoáveis de implementar. Além disso, deveriam implementá-las rapidamente enquanto o inimigo não se tornava maior e

¹⁵ Lewis, D. M., Boardman J., Hornblower S., Ostwald M., *The Cambridge Ancient History: The Fourth Century*, Volume VI, 1994.

mais forte, pois Filipe é, diz Demóstenes, a ameaça contra a qual os Gregos, juntos, deveriam lutar.

Qual, então, a política votada para o auxílio dessas cidades, quando sabemos que as propostas de Demóstenes não foram adoptadas?

Mais entraves se colocariam, principalmente financeiros. Desta forma, salientamos a acção de Eubulo, a partir possivelmente de 353, com a atribuída criação de uma lei que regulamentava a distribuição dos recursos excedentes da administração ateniense.

Segundo Pickard-Cambridge¹⁶, "Eubulus enacted that any proposal to repeal this law should be punished with death [...] It is most likely that the law put an end to the assignment of unallocated funds (whether for military or other purposes) [...] and that it did so simply by enacting that all funds not allocated in the annual Budget should become theoretic money." Possivelmente da mesma altura ou mais tardio, é o discurso de Demóstenes *Sobre a Organização*, o qual apela à urgência da distribuição dos recursos monetários excedentes por recompensas pelo serviço militar prestado a Atenas, de forma a promover a constituição dos exércitos composta por cidadãos em vez de mercenários. Demóstenes não faz, contudo, neste discurso qualquer proposta directa à Assembleia, pois deve ter em mente a recente e aprovada lei de Eubulo; nem tão pouco mais tarde, em *Contra Neera* (59.4), de 349, quando defende que, em caso de guerra, sempre os excedentes da administração deverão ir para o fundo destinado a fins militares (ὄταν πόλεμος ᾗ, τὰ περιόντα χρήματα τῆς διοικήσεως στρατιωτικὰ εἶναι).

É por isso que, na *Primeira Filípica*, Demóstenes circunscreve as necessidades do exército a números, a algo preciso, para que a Assembleia tenha uma ideia razoável do gasto possível da permanência de um exército a norte, perto da costa da Macedónia. Consegue Demóstenes, desta maneira, denunciar uma possível falta de meios em Atenas. Se tivermos ainda em conta que, com a Guerra dos Aliados, muitos deixaram de pagar o tributo a

¹⁶ Pickard-Cambridge (1979), p. 127.

que estavam obrigados, concluimos que a redução da receita de Atenas é por demais evidente.

Demóstenes, contudo, ainda que denunciasse a urgência do estado de guerra e a necessidade de agir, não teve sucesso com a *Primeira Filípica*.

Seja ou não por essa razão, a verdade é que, segundo Carlier¹⁷, haveria duas consequências maiores da adoção da sua proposta: "D'une part, les dépenses entraînées par ce plan auraient dépassé les possibilités financières d'Athènes. D'autre part, du point de vue stratégique, les mesures proposées auraient été à la fois inefficaces et dangereuses: la présence de troupes athéniennes dans le nord n'aurait guère gêné Philippe, tandis que le contingent athénien aurait été très exposé." Todos os autores são, desta forma, unânimes em afirmar que os Atenienses seguiram a melhor opção de acção, pois aquela proposta por Demóstenes ter-se-ia revelado desastrosa.

Por conseguinte, Cawkwell conclui "If it was Eubulus who most strongly opposed the war for Amphipolis, or if his financial policy aimed at keeping Athens squandering its resources on such a vain hope, his services to Athens were very great indeed."

¹⁷ Carlier (1990), p. 116 e ss.

I.3 Terceira Guerra Sagrada (355-346)

I.3.1 Beligerantes e causas

A justificação para o início da Terceira Guerra Sagrada encontra a sua resposta em Diodoro Sículo (XVI, 23), a mais fiável autoridade¹⁸ neste assunto.

Na reunião de Conselho da Liga Anfictiónica de 356, os Tebanos, que desde a batalha de Leuctras a usavam para impor influência política¹⁹, condenaram os Espartanos a pagar uma pesada multa pela ocupação da cidadela tebana de Cadmeia de 382 a 379 e por outras dívidas relacionadas com o deus Apolo. Mas não só. Como nutriam um ódio antigo pelos Focídios, viram nesta reunião do Conselho a ocasião para os denunciar pelo cultivo de terra sagrada, a planície de Cirra dedicada ao pastoreio de animais para sacrifício em Delfos.

O decreto que os Tebanos fizeram aprovar nesta ocasião impunha a declaração de guerra, caso não fossem pagas pelas duas cidades as multas pelas ofensas. Os Focídios reclamavam que era apenas um pedaço de terra menor e, com o apoio dos Espartanos, declararam não pagar.

Além disto, os Focídios, com apoio monetário e militar do rei Arquidamo de Esparta, tentaram impor de novo a sua influência neste centro religioso, capturando Delfos. Depois, enviaram embaixadas a vários outros estados, reclamando justiça e os seus direitos sobre Delfos.

Tebas, por seu turno, em 355, tomou a iniciativa e declarou guerra à Fócida. Desta forma, deram início ao conflito que opôs a Fócida, Esparta, Atenas e a pequena cidade de Feras à Liga Anfictiónica, de que eram o rosto

¹⁸ Refere-se também Justino *VIII*, 1; Pausânias *X*, 2; e Ateneu *XIII*, 560 (citando Dúris de Samos).

¹⁹ Pickard-Cambridge (1979), p. 172 e ss.

Tebas, a Beócia e a Tessália, obviamente sem os adversários que faziam parte da Liga, e mais tarde acompanhados por Filipe II da Macedónia.

As razões para a participação de Atenas, a apoiar a Fócida e Esparta, são simples. Por um lado, Atenas mantinha com a Fócida relações antigas de amizade e não queria, de maneira nenhuma, entrar em conflito com Esparta. Por outro, é também verdade que a participação de Atenas nesta guerra nunca foi muito evidente, pois, embora apoiando a Fócida, sabia que apoiava "sacrílegos". Além disso, tinha acabado de sair da Guerra Social e não tinha condições para iniciar novo conflito armado.

Quanto a Feras, em pleno território tessálio, há muito que mantinha guerra com a Tessália e viu, assim, um meio de obter alguma independência.

I.3.2 Interpelações dos beligerantes a Filipe e campanhas deste

A participação de Filipe na Terceira Guerra Sagrada não foi imediata nem directa.

Em 354, recebeu dos Tessálios um apelo de auxílio contra os rivais rebeldes de Feras, a cidade que se juntou à Fócida e Esparta. Antes porém de responder ao pedido de ajuda, crê-se que Filipe estaria ainda envolvido no cerco de Metone, razão que o leva a adiar a ajuda e a curar o olho direito em que teria sido atingido, a ponto de lhe provocar cegueira. No entanto, esse adiamento não é demorado, uma vez que Filipe compreendia todos os benefícios que uma aliança com a Tessália poderia trazer. Desse modo, rapidamente concluiu o cerco a Metone, que acaba por cair nesse mesmo ano, e lhe confere livre trânsito para a sua expansão para sul.

"Furthermore, he had nothing elsewhere to distract him. He had secured his borders, and had strengthened his position in western Thrace. With Methone out of the way, he was at liberty to expand southwards. [...] There is no need to speculate about Philip's reasons for responding to Aleuadai's appeal. Thessaly

was rich in land, produce, cities, and men. Thessalian cavalry was the best in Greece, and the mountainous country surrounding Thessaly supplied numerous peltasts. Success in Thessaly would provide Philip with a whole new army and additional revenues.²⁰

Ao obter assim uma aliança com a Tessália e concluindo a conquista de cidades costeiras perto da costa da Macedónia, Filipe assegura o controlo do norte do Egeu.

"The region would also serve as a buffer between Macedonia and Greece proper. This geographical factor was of special importance to Philip in connection with his war with Athens, simply because with Thessaly in his hands his strategical position would be greatly enhanced. Once north of Skiathos, the Athenian fleet would face a hostile coastline all the way to Olynthus.²¹

Como resposta ao apelo, Filipe ataca Feras. É que "the struggle between Pherai and its neighbours offered Philip rich possibilities. The chronic political instability of the area and the support of the Thessalian Confederacy guaranteed that he would face no united opposition to his ambitions.²² Preocupado, o general Onomarco, da Fócida, envia o irmão em para norte com um exército de 7000 homens e 500 cavaleiros, "for he [Onomarco] immediately realized the danger to Phokis of a Thessaly united under someone as talented and powerful as Philip.²³ Derrotado o irmão, Onomarco em pessoa enfrenta Filipe em duas grandes batalhas, em que o

²⁰ Buckler (1989) p. 63 e ss.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

²³ Ibidem.

Macedónio é consecutivamente derrotado. Consternado, retira-se de cena, apenas para reclamar um regresso ainda mais poderoso, dois anos depois.

E estrategicamente, quando regressa às batalhas em 352, fá-lo sob a égide vingadora de Apolo, Filipe coroa os seus homens de louro, a simbolizar a sua adesão a esta causa religiosa. Juntamente com os Tessálios, os Macedónios enfrentam Onomarco na Planície de Crocus, cuja batalha teria sido bastante sangrenta. "Les Phocidiens perdent neuf mille hommes. Pour semer la terreur et pour montrer le zèle à l'égard du dieu de Delphes, Philippe crucifie le cadavre d'Onomarchos et fait jeter à la mer trois mille prisonniers phocidiens (tel était le châtement réservé aux sacrilèges).²⁴" Captura, em seguida, Feras, provavelmente o momento em que se torna autoridade suprema na Tessália. Após capturar a cidade dos rebeldes tessálios, Filipe dirige-se para as Termópilas. No entanto, os Atenienses reagem prontamente, enviando o general Cares para defender o estreito. Nunca chegaram a entrar em conflito, pois Filipe, ao ter notícia da expedição dos Atenienses, retira-se para iniciar campanhas na Trácia²⁵.

É o momento em que Demóstenes, em Atenas, em 351, denuncia Filipe na Assembleia, na *Primeira Filípica*.

Entretanto, o conflito desenrola-se com ataques sucessivos de Tebas contra a Fócida e vice-versa, mas Filipe não viria a participar nele até que, em 349, sitia a cidade de Olinto.

Esta, que começara a recear a crescente grandeza de Filipe, volveu-se para Atenas, para estabelecer aliança e pedir auxílio, pois Filipe tinha já capturado outras cidades da Liga Calcídica. No entanto, o pacto que Olinto fizera, com Filipe, anos antes, visava que uma aliança com Atenas só seria exequível com a participação também do próprio rei. Sentindo-se traído, o

²⁴ Carlier (1990), p. 101.

²⁵ Vide último parágrafo do tópico "Conquistas de Filipe (até à *Primeira Filípica* - 351)", p. 7.

Macedónio via em Olinto o ponto final das conquistas nas fronteiras da Macedónia e põe cerco a esta cidade, sabendo que Atenas jamais chegaria a tempo de ajudar os Olínticos, porquanto se envolvia nas campanhas em território beócio. É neste contexto que Demóstenes profere três *Olínticas*.

Olinto acaba por ceder em 348, não tanto devido à força de armas de Filipe, mas sobretudo pela corrupção e traição de um partido a si favorável que os entregou, e pela fraca e lenta resposta de Atenas ao pedido de auxílio, por se encontrar em campanha na Beócia. As cidades da Liga Calcídica foram assim arrasadas.

Chamado depois também por Tebas, em 347, Filipe envia exército capaz de os auxiliar, mas não com efectivos suficientes para terminar a guerra, como aliás o desejava. É que esse feito trar-lhe-ia as vantagens por que ansiava: uma posição confortável além da que tinha já alcançado junto dos Tessálios. Pois ser membro da Liga Anfictiónica e ser considerado o responsável por a guerra ter terminado era de extrema importância para Filipe.

I.3.3 Razões que levaram à Paz

O pedido de auxílio dos Tebanos estava votado a infligir a derrota final aos Focídios, já que a guerra estava num impasse. Claramente, o final do conflito teria de ter mão estrangeira.

Filipe, por um lado, estava certamente interessado na tarefa e faz saber aos Atenienses que desejava a paz. "On peut supposer que Philippe souhaite la paix avec Athènes parce que le blocus relatif de la flotte athénienne gêne l'activité de ses ports et diminue ses revenus, mais aussi parce que ses projets d'expansion vers le sud et vers l'est se réaliseront plus facilement grâce à la coopération ou du moins la neutralité d'Athènes."²⁶

²⁶ Carlier (1990), p. 141.

Atenas, por outro lado, sabia claramente que não tinha condições de continuar a guerra contra Filipe com sucesso, pelo que o único fim possível era chegar a conversações com ele.

Devido a uma rusga em tempo de paz, durante o mês dos Jogos Olímpicos, de novo se estabeleceram contactos entre Filipe e Atenas. E na Assembleia, um decreto de Filócrates permitia a recepção de embaixadores da Macedónia e o envio dos de Atenas, com o propósito de se discutir os termos da paz.

I.4 Paz de Filócrates

As fontes que nos acompanham sobre estes acontecimentos, Demóstenes e Ésquines, embora exagerando factos que cada um acha proveitoso para a sua causa, dão-nos conta do processo que levou à complexa Paz de Filócrates. Sabemos que antes da queda de Olinto, em 348, Filipe desejava paz com os Atenenses. Uma das suas intenções era obter paz para que pudesse interferir na Fócida livremente. Sabemos também que, por vontade de Demóstenes, a paz deveria ser feita, já que Atenas não tinha nada a ganhar em continuar a guerra com a Macedónia, pois os territórios a norte tinham sido já tomados por Filipe. Com a sua participação nesta guerra, Filipe conseguia objectivamente duas grandes conquistas: uma posição confortável dentro da Liga Anfictiónica, que lhe reconhecia a helenidade, e a imagem de um homem inflexível em assuntos religiosos gregos, ao lutar contra sacrílegos, nomeadamente a Fócida.

I.4.1 A primeira embaixada

Para as negociações, sobre as bases em que deveria assentar a paz para ambas as partes, a embaixada deveria ser constituída "por Atenas e os seus aliados", isto é, Atenas e a Segunda Confederação Ateniense.

"Not long after the beginning of 346 [Fevereiro], Philocrates proposed a decree in the Assembly, that ten ambassadors should be sent to Philip to discuss the question of peace, as well of other matters that were of interest to both parties, and to request him to send plenipotentiaries to Athens, with whom peace might be finally concluded.²⁷"

²⁷ Pickard-Cambridge (1979), p. 239.

Esta primeira embaixada, na qual participavam Demóstenes e Ésquines, estava incumbida de levar os termos da paz a Filipe, para que ambas as partes concordassem no que seria melhor.

Já em Pela, discursaram os oradores, por ordem de idade, sendo Demóstenes o último, que, com ou sem surpresa, não concluiu o seu discurso pelo nervosismo do assunto, a luta por Anfípolis, e por estar diante de tão detestada figura. Filipe responde a todos os oradores, excepto a Demóstenes, e termina com o desejo de paz e, sobretudo, de aliança²⁸.

A embaixada regressa a Atenas, cerca de um mês depois, e apresenta os seus relatórios à Assembleia. Esta decide concordar com a paz, sem fazer qualquer menção à aliança que Filipe propunha: que, em três meses, os aliados de Atenas deveriam estar especificados para constarem do tratado. Isto daria tempo para que a Fócida fizesse parte dele, assim como os Tebanos, cujo poder estava enfraquecido pelas constantes campanhas durante a Terceira Guerra Sagrada. Fixaram-se dois dias, 18 e 19 do mês Elaphebolion (15 e 16 de Abril), para discussão e votação de propostas. Rhodes e Carlier²⁹ são unânimes na sua explicação:

"Lors de la première réunion de l'Assemblée le 18 élaphebólion, le peuple doit examiner deux propositions: la résolution des alliés [...] – qui permet une transformation de la paix bilatérale en paix commune et qui en particulier évite aux Phocidiens une intervention militaire de Philippe en s'associant à la paix – et une proposition de Philocrate, peut-être approuvée par la *Boulé*, qui vise à établir entre Athènes et ses alliés d'une part, Philippe et ses alliés d'autre part, une paix sur la base du *statu quo* complétée par une alliance, mais qui exclut explicitement du

²⁸ Sobre este assunto leia-se Demóstenes, *Sobre a Falsa Embaixada (XIX)* e Ésquines, *Sobre a Falsa Embaixada*.

²⁹ Rhodes (2006), p. 310 e ss.; Carlier (1990), p. 153 e ss.

bénéfice de la paix les Phocidiens ainsi que la cité thessalienne d'Halos assiégée par les forces macedoniennes."

O possibilidade de se estabelecer uma aliança que vá mais além do que a simples paz – condição única de Filipe não passível de alteração – implica que a Fócida não possa constar no Tratado como aliado. Rhodes explica que "On the 18th, it seems, the Athenians had discussed unrealistically what kind of peace they would like; on the 19th Demosthenes discovered from Antipater³⁰ what kind of peace Philip would allow – and then there must be renewed debate, considering peace on Philip's terms or no peace." Prossegue-se com a proposta de Filócrates – um tratado que excluísse a Fócida – com nova roupagem: a paz seria para "Atenas e os seus aliados" (Ἀθηναίους καὶ τοὺς Ἀθηναίων συμμάχους³¹), expressão que Atenas poderia explorar melhor quando lhe conviesse, incluindo, desta forma, a Fócida.

Para validar este tratado, ambos os lados teriam de jurar a Paz de Filócrates. Os Atenienses deverão tê-lo feito passado pouco mais de um mês. No que respeita a Filipe, constituiu-se segunda embaixada, provavelmente com os mesmos elementos que integraram a primeira, que se dirigiu novamente a Pela.

I.4.2 A segunda embaixada e a importância da sua delonga no regresso a Atenas

Carlier, ao abrir o seu capítulo sobre a segunda embaixada, é taxativo ao declarar que "un traité grec n'entre en vigueur que lorsque les deux parties ont prêté serment."³²

³⁰ Um dos enviados de Filipe que provavelmente assistiria à Assembleia.

³¹ Dem. *Sobre a Falsa Embaixada*, XIX, 159.

³² Carlier (1990), p. 136.

Filipe encontrava-se, por esta altura, em campanha na Trácia e Demóstenes pressiona a embaixada a apressar-se, pois um rápido juramento de Filipe impunha limites nas suas restantes intenções de conquistas. Apesar de Filipe ter declarado que as suas intenções não teriam em vista qualquer campanha no Quersoneso, de onde já antes estivera muito perto, os Atenienses, todavia, não deixavam de preocupar-se, pois também já antes as declarações de Filipe não corresponderam ao que ele prometera. Recordamos as situações de Anfípolis e Olinto.

No entanto, esta segunda embaixada, embora tivesse partido em Abril, só chegaria de novo a Atenas em Julho.

A razão da demora da embaixada prende-se precisamente primeiro com as campanhas de Filipe e, segundo, com a própria demora da embaixada de Atenas: encaminhou-se lentamente para Pela, por terra, e aí esperou cerca de um mês pelo retorno de Filipe.

Em Pela, além da embaixada de Atenas, aguardavam a chegada de Filipe outros enviados de toda a parte da Grécia: Espartanos, Eubeus, Tebanos, inclusive Focídios que desejavam terminar, de uma vez, as hostilidades com Filipe na Terceira Guerra Sagrada e, de alguma maneira, concluir uma eventual paz.

Maliciosamente, Filipe não se declara nem a favor de uns, nem de outros; pelo contrário, faz promessas paradoxais, de modo a agradar cada ouvinte.

"Aux Thébains qui sont ses alliés depuis 353 et qui ont imploré son aide en 347, Philippe promet de contindre les Phocidiens à la capitulation, de démanteler toutes leurs forteresses, et de laisser la décision sur le sort des Phocidiens à l'amphictionie restaurée – qui ne manquera pas de les traiter très durement; le Macédonien, d'autre part, s'engage à laisser les Thébains rétablir leur autorité sur toute la Béotie.

Aux envoyés Athéniens qui sont ses nouveaux alliés, quoique lui-même n'ait pas encore prêté serment, Philippe assure qu'il

ne châtierá que les responsables des pires sacrilèges, mais qu'il traitera avec douceur le reste des Phocidiens. Dès qu'il aura franchi les Thermopyles, déclare-t-il aux ambassadeurs athéniens, son souci principal será de réduire «l'insolence thébaine»; il restaurera l'indépendance des cités béotiennes et fera reconstruire Platées et Thespies: si les Athéniens engagent leurs forces à ses côtés, Philippe leur fera restituer Orôpos et les aidera à rétablir leur autorité sur l'Eubée.³³

Enquanto decorriam os discursos, Filipe estaria, contudo, em preparações para marchar de novo para sul, dirigindo-se mais uma vez às Termópilas, pois tinha a intenção de finalmente capturar a Fócida. É por isso que, da parte de Filipe, a Fócida não poderia, de maneira nenhuma, constar do tratado de paz como aliada de Atenas, porque ao sê-lo estaria imediatamente a romper aquilo que tinha jurado. Mas os Atenienses, como já vimos, embora o nome 'Fócida' não estivesse literalmente expresso, pensavam uma paz para si e para os seus aliados. Ora, sem mais qualquer cláusula que previsse o contrário, nada impediria os Focídios de se associarem depois.

Filipe não prestaria juramento até chegar à cidade de Feras, quando estaria a três dias de caminho das Termópilas, precisamente quando os Atenienses já não poderiam enviar qualquer contingente que chegasse na ocasião precisa de evitar uma catástrofe.

I.4.3 A capitulação dos Focídios

Quando os Atenienses regressam a Atenas, a 13 do mês Scirophorion (8 de Julho), Filipe já teria chegado à Fócida. Sem saber do sucedido, no

³³ Carlier (1990), p. 159. De facto, Demóstenes refere este assunto em *Fil.* II, 30.

entanto, Demóstenes apela ainda ao Conselho que não abandone a Fócida. Mas três dias depois, a 16 de Scirophorion (11 de Julho), a proposta de Demóstenes não foi sequer lida em Assembleia, pois provavelmente já saberiam que seria tarde demais para ajudar os Focídios contra Filipe.

Filócrates propõe ainda outra medida: alargar a paz para os seus descendentes e prometer a ajuda de Atenas na rendição de Delfos pelos Focídios.

Constitui-se, então, uma terceira embaixada para reportar estes novos assuntos a Filipe, e já no caminho, ao tomarem conhecimento da capitulação dos Focídios a 23 de Scirophorion (18 de Julho), a embaixada regressa a Atenas.

"Very shortly after [...] Philip sent two letters, inviting the Athenians, now his allies, to send a force to join his own army at Thermopylae.³⁴" Esperava Ésquines, com boa-fé, que esta proposta de Filipe fosse uma consequência daquilo que teria prometido aos Atenienses, ainda em Pela: o enfraquecimento do poder Tebano e a independência das cidades beócias. Mas Atenas recusou. Por um lado, o partido anti-Macedónico considerava que Filipe faria refém as tropas atenienses e, por outro, se a sua intenção não era prejudicar os Focídios, não havia qualquer necessidade de Atenas estar presente.

Tal não sucede e, depois da capitulação dos Focídios, foi constituída uma quarta embaixada apenas com o intuito de mitigar a desastrosa rendição da Fócida.

"The Oetaeans proposed that all the adult males of the Phocians should be executed as guilty of sacrilege. Such savagery as this was approved by the Council; but it was decided that the Phocian towns should be destroyed [...] Phocians should be permitted to own the land, but should repay to the temple, by annual instalments of sixty talents [...] and should not be

³⁴ Pickard-Cambridge (1979), p. 282.

allowed to possess horses or arms until the repayment had been completed; [...] The destruction of the towns was carried out by the Thebans, and the country was garrisoned with Macedonian troops.³⁵"

³⁵ *Ibidem*, p. 287.

I.5 Contexto sociopolítico da *Segunda Filípica*

I.5.1 Degradação da paz

De tais consequências, podemos portanto inferir que se tratava de uma paz precária, apenas nominal, que mais não era que breves tréguas para preparação de um conflito maior³⁶.

E é por essa razão que, em apenas dois anos, Demóstenes tem material suficiente para proferir um outro discurso atacando de novo Filipe: desta feita, a *Segunda Filípica*.

A primeira denúncia de Demóstenes no seu segundo discurso contra Filipe é, precisamente, o imediato incumprimento da Paz de Filócrates, pela qual, uns dias antes, tinha jurado fidelidade³⁷. O rei Macedónio quebrou o tratado, quando se dirigiu e conquistou as Termópilas e se apoderou da Fócida.

Além disso, tinha retomado as campanhas na Trácia; de novo, reorganizaria o regime na Tessália, ao impor no governo da cidade partidários pró-Macedónia³⁸; por fim, tornava-se bastante popular no Peloponeso, em cidades como Argos, Messénia, Mégara e Élis, apoiado pelos partidos pró-macedónicos das respectivas cidades. Rhodes³⁹ esclarece que "in various parts of Greece there were local conflicts, not stirred up by Athens or Philip but often leading to their being invoked as supporters."

Por todo o Peloponeso, começam, portanto, a despontar motins, sinónimo de que Esparta estaria de novo interessada em reaver cidades que teriam antes estado sob seu domínio.

³⁶ Wooten (2008), p. 137 e ss.

³⁷ Dem. *Fil.* II, 7.

³⁸ Dem. *Fil.* II, 22. Demóstenes comenta que este novo regime instaurado é apenas um *pro forma* para poder interferir à vontade nos assuntos da Tessália, como já antes o fizera, durante a Terceira Guerra Sagrada.

³⁹ Rhodes (2006), p. 314 e ss.

Carlier⁴⁰ resume bem o incómodo dos Peloponésios: "La menace que Sparte fait peser sur ses voisins – Messène, Mégalopolis et Argos, Érétria e Oreu – constitue le second atout du roi de Macédoine. Ne pouvant compter ni sur Athènes alliée à Sparte ni sur Thèbes affaiblie, les cités qui craignent la restauration de la puissance spartiate demandent la protection de Philippe."

Muitos deles, de que são casos mais evidentes os de Argos e Messénia⁴¹, pedem auxílio a Atenas, na luta que se avizinha, mas Atenas não os assiste, invocando boas relações presentes com Esparta.

I.5.2 Incursão de Demóstenes pelo Peloponeso

É por esta razão e para contrabalançar a influência de Filipe junto destes povos que Demóstenes inicia um circuito pelo Peloponeso, como programa político. A *Segunda Filípica* apresenta uma possível parte do discurso que dirigiu aos Messénios, aquando desta mesma excursão.

Dedica Demóstenes cinco parágrafos⁴² em discurso directo a relatar aos Messénios a possibilidade da repetição da história. Relata-lhes o caso de Olinto e da Tessália e indica-lhes a única arma contra a persuasão de tiranos, leia-se Filipe: a desconfiança.

De facto, este episódio é narrado não só com o intuito de fazer aliados para Atenas e com isso enfraquecer o poder de Filipe, mas sobretudo para mostrar aos Atenienses o que eles próprios deverão fazer: desconfiar do rei da Macedónia, se não quiserem vir a cair no erro das suas falsas promessas – esta uma política advogada há muito por Demóstenes, contra o partido ateniense pró-Macedónia que ainda se dispunha a aceitar e acreditar o cumprimento da paz.

⁴⁰ Carlier (1990), p. 183.

⁴¹ Dem. *Fil.* II, 9.

⁴² Dem. *Fil.* II, 20-25.

É neste ponto que o enaltecimento dos Atenenses assume maior expressão: Demóstenes empenha-se a comparar a moralidade ateniense, que não é vendida por qualquer preço ou lucro, nem por qualquer vida de um só grego, ao contrário das intenções de Filipe.

I.6 Desenvolvimentos posteriores e desfecho da Batalha de Queroneia

I.6.1 Conflito aberto no Quersoneso

Em 342, Filipe avança com novas campanhas na Trácia, em que obteve sucesso. As razões são duas: primeiro, derrotar de uma vez o tirano trácio, Quersobleptes, capturar o seu território e expandir-se para a Ásia Menor e, segundo, com isso apoderar-se das rotas de fornecimento de trigo de Atenas.

O plano de Filipe de conquistar a Ásia Menor estava provavelmente já em preparação. No entanto, para isso, era necessário que ele tivesse a cooperação da frota ateniense. Por outro lado, se o propósito era subordinar Atenas à Macedónia, estrategicamente seria melhor ganhar a sua confiança primeiro, estar em paz com ela e só depois, quando julgasse oportuno, atacar.

Pela mesma altura, os Atenenses, prevendo intervenções de Filipe no Quersoneso, enviam novos colonos para a cidade, apenas com o objectivo de serem recusados por Cárdia, uma cidade próxima que se afirmava aliada de Filipe. O general ateniense no Quersoneso, Diopites, insurge-se contra o povo da Cárdia, levando naturalmente a que este último apelasse ao auxílio de Filipe. Além disso, Diopites ataca possessões de Filipe na Trácia. Por este incidente, por um lado, o rei Macedónio avisa os Atenenses de que um ataque directo no seu território, provocando-o, implicava tomar medidas extraordinárias à paz, envolvendo-o numa defesa acérrima de Cárdia. Por outro lado, em Atenas, o partido pró-Macedónia censura o comportamento

do general ateniense, embora Demóstenes tentasse evidenciar a sua boa actuação, sublinhando a importância de ajuda aos Trácios e a urgência de uma força ateniense constante que estivesse presente no norte.

Diz Pickard-Cambridge⁴³ que "we do not know whether the Speech on the Chersonese had any immediate result, beyond its effect on public opinion [Diopieithes' force should be maintained and envoys were sent in all directions to organise the movement against Philip]. [...] It is also certain that within two or three months of the date of the Speech, the feeling of the Athenians had become much more positively militant, and the outbreak of the war in Thrace much more imminent. It was in a debate upon a renewed application for supplies that the Third Philippic was delivered."

I.6.2 *Terceira Filípica*

Podemos datar a *Terceira Filípica* de 341. Neste discurso, Demóstenes estaria mais interessado em salvaguardar toda a defesa dos Helenos em vez de olhar apenas para os interesses de Atenas⁴⁴, tema aliás já iniciado na *Segunda Filípica*⁴⁵.

Este discurso, o maior em tamanho e também aquele que suscita mais admiração desde a Antiguidade, está dividido, essencialmente, em duas partes principais: uma primeira, praticamente metade, dedicada à denúncia dos actos violentos de Filipe e a segunda metade destinada a perpetuar os exemplos de Olinto, Erétria e Oreu. Um mais distante no tempo, os outros dois casos mais recentes, respectivamente; porém, ambos comprovam a necessidade de resistir contra Filipe e os seus aliados, principalmente aqueles que representam o seu lado partidário dentro das cidades.

⁴³ Pickard-Cambridge (1979), p. 337.

⁴⁴ Ribeiro Ferreira (1992), p. 490 e ss.

⁴⁵ Dem. *Fil.* II, 8.

I.6.3 Declaração de guerra de Atenas a Filipe

Depois da *Terceira Filípica*, precisamente nas cidades de Erétria e Oreu, "les Athéniens, et Démosthène en particulier, obtiennent un grand succès, diplomatique et militaire, en Eubée. Dans plusieurs cités de l'île, notamment à Oréos et à Éréttrie, certaines factions oligarchiques tentent d'imposer leur pouvoir grâce à l'appui de Philippe.⁴⁶"

Em face a estes conflitos, Filipe desejava, estrategicamente, que Atenas lhe declarasse guerra. Esse cenário era mais favorável a Filipe, pois assim Atenas teria rompido primeiro a observância do tratado e violado a paz – isso sem ter em conta tudo o que já antes se teria sucedido antes: recordem-se os casos de Termópilas, Fócida, Peloponeso e Quersoneso. Se Atenas declarasse guerra, o rei Macedónio poderia justificar-se apenas com a sua própria defesa.

"Avant de s'attaquer à Byzance, Philippe entreprend le siège de Périnthe au printemps 340. [...] Pour protéger sa flotte, Philippe fait avancer parallèlement un contingent macédonien sur la côte de Chersonèse. Cette intervention militaire est une violation évidente de la paix de Philocrate.⁴⁷"

Contudo, não tendo sucesso no cerco de Perinto, Filipe volta-se para Bizâncio, mas sorte igual o espera, já que Atenas, sob o comando de Cares, está presente na ajuda das cidades. Apenas em circunstância de ausência de Cares no transporte de trigo para Atenas através do Helesponto, Filipe é capaz de tomar de assalto os navios mercantes e com eles privar Atenas do seu racionamento.

"Les Athéniens, spoliés et agressés, ne peuvent que déclarer la guerre."

⁴⁶ Carlier (1990), p. 199.

⁴⁷ Carlier (1990), p. 202 e ss.

I.6.4 Batalha de Queroneia em 338

Embora Filipe tivesse impedido, com sucesso, o transporte de trigo para Atenas, a verdade é que os seus posteriores ataques a Bizâncio e a Perinto não foram, de todo, grandes êxitos. É por este motivo que o vemos retirar-se deste campo de guerra em 339, apenas para se dedicar a outro. Invadiu os Cítios, com sucesso, que revigorou a moral do seu exército, mas no regresso foi atacado por uma tribo trácia, os Tribálios.

Entretanto, declarar-se-ia uma Quarta Guerra Sagrada à cidade de Anfissa, sob os mesmos fundamentos dos da Fócida em 355 – o cultivo da planície sagrada de Cirra, que era consagrada a Apolo.

"Early in 339 an Amphictyonic force, commanded by a Thessalian [...] attacked Amphissa, and Amphissa submitted; at the spring council the Amphictyony imposed a fine on Amphissa. However, by the time of the autumn council the fine had still not been paid, and Philip, back from the Propontis and the Dobrudja, was invited to command."⁴⁸

Era o momento oportuno para Filipe intervir de novo na Grécia Central.

Tebas, neste momento, ainda sua aliada, começava a ficar descontente com a sua condição de aliado de "segunda", isto é, uma posição sem grande importância, o que a leva a atacar Niceia, onde Filipe tinha uma guarnição.

Por conseguinte, Atenas e Tebas aliam-se sob três condições fundamentais: 1) Tebas teria o controlo da Beócia (recordamos que Atenas, como aliada das cidades beócias, não permitia o controlo total de Tebas); 2) Tebas teria comando único do exército em terra e conjunto com Atenas no mar; e 3) Atenas pagaria dois terços do custo total das campanhas.

Por fim, Filipe começa a sua intervenção militar na Grécia Central: toma primeiro Elateia, depois Anfissa. Os adversários, representados essencialmente por Atenas e Tebas, sem escapatória, dirigem-se para

⁴⁸ Rhodes (2006), p. 317.

Queroneia. Aqui, a sete de Metageitnion (Agosto), os Atenienses sucumbiram ante Filipe.

Capítulo II

Primeira Filípica

II.1 Introdução e comentário

Estrutura⁴⁹:

A. Proémio

1: Demóstenes desculpa-se por ser o primeiro a falar;

B. Argumentos

2-7: Aconselha a não ter medo da situação presente; evidencia exemplos da luta contra os Lacedemónios e dá o exemplo, inclusive, da força de Filipe que não desiste perante a adversidade;

8-9: Os aliados e a sorte não são imutáveis;

10-12: Filipe é insolente e, nunca satisfeito, conquista sempre mais, não só devido à sua força, mas também à negligência dos Atenienses;

C. Propostas (Narração)

13-15: Demóstenes começa por propostas definidas e pede que lhe seja concedida uma audição até ao fim para que depois possam julgar;

⁴⁹ Seguimos a estrutura de Cecil Wooten (2008).

16-18: Preparação de trirremes e barcos suficientes para transportar metade da cavalaria;

19-22: A força deverá ser constituída por cidadãos e não apenas por mercenários: 2000 soldados, 200 cavaleiros, 10 trirremes;

23-27: Tipo de guerra: pequenos saques; actuação não deve ser desmesurada, nem insignificante; razão da força ser mista; pagamento em conformidade; proposta de "observadores ao comando do exército"; acusação de que as figuras maiores dos exércitos são figuras decorativas;

28-30: Estimativa do dinheiro necessário para alimentação, naus, soldados e cavaleiros; restante será proveito de guerra; conclusão das propostas.

D. Outros Argumentos:

31-32: Geografia do terreno, clima e controlo de guarnições a norte;

33-34: O estratega encarregar-se-á dos ataques da força: onde e quando; objectivos de guerra: privar Filipe de aliados e estar livre de sofrer qualquer mal;

35-37: Comparação entre a falta de preparação de forças militares sempre prontas em comparação com os festivais preparados com muita antecedência; forças militares sempre compostas por metecos, libertos e mercenários, nunca cidadãos; tempo gasto em nenhures faz perder a ocasião de chegar com ajuda;

38-41: Em assembleia, dever-se-á ouvir palavras necessárias em detrimento das palavras que agradam, pois em guerra é necessário que a preparação da força seja uma antecipação de acontecimentos, não uma consequência do que quer que já tenha acontecido;

42: O agir de Filipe deve incutir nos Atenienses o desejo de agir também;

43-44: Contornos de início e fim de guerra são já diferentes; apelos, em interrogativas, a agir já;

45-46: O corpo da força terá a ajuda dos deuses e da sorte, se for de cidadãos, pois mercenários mal pagos não terão sorte;

47: Combate-se o excesso de mercenários com cidadãos no exército, com testemunhas de combates, juízes nas prestações de contas;

48-50: Rumores dos feitos de Filipe e excitação com a sua própria grandeza; ninguém vai fazer pelos Atenenses aquilo que eles próprios terão de fazer;

E. Epílogo:

51: Demóstenes falou no interesse da cidade e está disposto a aceitar as consequências do seu discurso, se este não for do interesse da cidade.

Demóstenes introduz o seu discurso, tomando o primeiro parágrafo não como uma *captatio benevolentia* paradoxal, pedindo perdão (*suggnomenes*) pelo atrevimento de tomar, pela primeira vez, a palavra antes dos oradores habituais, leia-se mais velhos, terem falado. O atrevimento, de facto, será um aparente motivo retórico, uma vez que, pela forma como Demóstenes desenvolve o seu discurso, não faltam conselhos e críticas ao corpo de cidadãos da Assembleia.

Aliás, servindo-nos da biografia de Pierre Carlier, em *Démosthène* (1990), "L'entrée en matière n'est pas modeste, mais elle a le mérite d'annoncer clairement à l'auditeur qu'il va entendre des propositions radicalement différentes de celles dont il a l'habitude."

Como afirma Cecil Wooten (2008), "since some of the elders would be annoyed that a young man has been the lead speaker, D must, therefore, point out that this is the first time that he has risen to speak before his elders and explain why he has chosen to do so. D thus not only projects the image of a young man who is modest, he also calls attention to the fact that his advice will be very different from what the audience has heard before". Não nos parece que Demóstenes projecte uma imagem modesta, pois se ele se desculpa seria porque os outros oradores estariam já a comentar a falta de respeito de um orador mais novo falar em primeiro lugar. De facto, parece-nos que, em vez de modesto, seria bastante sensato e prevenido, pois inicia primeiro o seu discurso com esta chamada de atenção – o assunto não é novo, mas eu, porque venho apresentar novas formas de lidar com ele, tenho a liberdade de tomar a palavra em primeiro lugar, antes de os oradores mais velhos falarem.

Quanto ao assunto a tratar, na verdade, não é novo: trata-se do início de uma série de discursos de ataque pessoal cujo principal alvo é Filipe da

Macedónia. Quer seja pelos piores ou melhores motivos⁵⁰, a verdade é que Filipe é razão de burburinho em Atenas, desde 357 a. C., isto é, desde a tomada de Anfípolis.

Por este motivo, então, Demóstenes sugere, na Assembleia, novas atitudes por parte dos Atenenses, novas medidas de acção, retirando-os da apatia geral, anunciando um novo perigo para a cidade: Filipe II da Macedónia.

Demóstenes avisa os Atenenses da má situação em que se encontram, mas ainda não totalmente perdida a esperança, e serve-se de um exemplo de luta, inferimos, recente contra os Lacedemónios. Desta guerra recente, exclui-se a Guerra do Peloponeso pois sabemos que, o final da Guerra do Peloponeso foi em 404, logo há 47 anos; Atenas foi a grande derrotada, com a influência e supremacia de Esparta a impor-se no regime que ficou conhecido por tirania dos "30 tiranos". Portanto, conclui-se que as batalhas às quais Demóstenes se refere, onde Atenas se poderia ter evidenciado, que de facto assim aconteceu, contra Esparta, serão na Guerra de Corinto (395-387) e nas Batalhas da hegemonia de Tebas⁵¹ (379-371).

Outro exemplo de que se serve é o da conquista de cidades, nomeadamente Pidna, Potideia e Metone⁵², ao norte da Tessália no golfo Termaico, agora nas mãos de Filipe, que antes pertenceram aos Atenenses. Demóstenes recorda a preferência das cidades pela aliança com Atenas, as suas fortalezas e os aliados, dos quais, agora, Filipe se serve. Tomar aliados

⁵⁰ Filipe era considerado, por uns, como o elemento aglutinador da Grécia numa luta contra os Persas e, por outros, o novo inimigo contra o qual os Gregos, juntos, deveriam lutar.

⁵¹ Recordemos a batalha de Leuctras (371), símbolo do colapso do imperialismo Espartano, contra Beócia e Atenas.

⁵² Demóstenes enumera a captura das cidades sempre por ordem cronológica: Anfípolis e Pidna em 357 (cuja cidade controlava a rota que ligava a Macedónia à Tessália), Potideia em 356, Metone em 354 (Dem. *Fil. I.* 4 e Dem. *Ol. I.* 8-9).

dos Atenienses são, pois, estratégias de guerra, às quais Demóstenes se refere constantemente, de modo a criticar a imobilidade (*bradutes*) e indiferença (*rathumia*) geral dos Atenienses. Cercando e capturando uns, que entrega a outros, assim Filipe conquista território; não só recorre à guerra, mas também à força e a alianças para ter o que quer. E, de facto, a negligência dos Atenienses é tal que Demóstenes justifica, de certa forma, a ajuda destes a Filipe e a disponibilização dos seus bens de quem quer que se esforça por tê-los.

Mas, Atenienses, ele sabia claramente que todos esses lugares eram prémios de guerra que jaziam à sua disposição e que, por natureza, pertencem aos presentes os bens dos ausentes e aos que aceitam o esforço e o perigo os bens dos que são negligentes.⁵³

Além disso, não é difícil para os povos apoiarem-se em quem percebem mais preparados para os proteger.

Vejamos o caso de Olinto, a que Demóstenes se refere já na *Primeira Filípica*, 17. Em 360, Olinto deixa a Liga de Delos por ver que os Atenienses tinham, de novo, ambições de império a norte. Segundo P. J. Rhodes⁵⁴, os Olínticos ter-se-iam voltado para Filipe, em 357, em pedido de auxílio para travar os Atenienses, enquanto Filipe lhes prometia a posse de Potideia. Mas, por outro lado e segundo Pickard-Cambridge⁵⁵, os Olínticos, receosos com o sucesso de Filipe quando este se apodera de Anfípolis, pedem ajuda aos Atenienses. Estes, seguros da boa-fé de Filipe – já que o Macedónio lhes teria prometido Anfípolis e, em troca, os Atenienses dar-lhe-iam Pidna –, recusam

⁵³ Dem. *Fil. I.* 5.

⁵⁴ Rhodes (2006), p. 240.

⁵⁵ Pickard-Cambridge (rep. ed. 1976), p. 156, 157.

a ajuda aos Olínticos – por se encontrarem a braços com revoltas em Tebas durante a Terceira Guerra Sagrada –, o que os leva a celebrar um acordo com Filipe, cujos termos se apoiavam no afastamento de Atenas e na posse de Potideia. Contudo e por fim, reconhecemos que a verdadeira intenção de Filipe nunca foi servir outros, logo esperamos o desfecho natural: Anfípolis nunca foi entregue a Atenas, Pidna foi tomada pela força, Olinto gozou das suas posses, mas caiu em 348 às mãos de Filipe.

Em suma, Demóstenes, não só consciente da maneira de actuar de Filipe, mas prevendo também o seu resultado, previne os Atenienses – aliás, tema fundamental que perpassa toda a *Primeira Filípica* – a agir, pela guerra, enquanto lhes é possível⁵⁶.

Antes de entrar nas propostas concretas, Demóstenes avança ainda a ideia de que está dependente dos próprios cidadãos actuar pela cidade, pois não deverão depor a esperança e a acção nas mãos de outros, quer seja concretamente de mercenários (*xenos*) e libertos, quer metaforicamente de vizinhos (*plesios*), isto é, a total delegação nos outros daquilo que é imperativo fazer pelas próprias mãos, pois só assim se recuperam (*analambanein*) as coisas perdidas por negligência (*katarathymein*)⁵⁷.

Para além disso, a sorte a Filipe não é imutável, tão-pouco as acções e aliados, pois nestes casos é o medo que os controla. A sua arrogância não dá aos Atenienses "escolha de agir ou ficar na quietude" (ὅς οὐδ' αἴρεσιν ὑμῖν δίδωσι τοῦ πράττειν ἢ ἄγειν ἡσυχίαν). De facto, antíteses relacionadas com o agir (*agein*), o fazer (*prattein*), a necessidade da acção e, de outro lado, a quietude (*esuchia*), a indolência e a inactividade são constantes – as primeiras adjectivando Filipe, as segundas os Atenienses.

⁵⁶ Dem. *Fil. II*. 20.

⁵⁷ Dem. *Fil. I*. 7

No parágrafo 10, apenas constituído por interrogações retóricas, como que elevando o tom de emoção, Demóstenes pergunta directamente à sua Assembleia: "Pois haveria maior novidade do que um Macedónio fazer guerra aos Atenenses e controlar os assuntos dos Helenos?". Sendo assim e para introduzir as propostas concretas que há necessidade de os Atenenses tomarem, Demóstenes aconselha, por fim, a observar as movimentações de Filipe, a constituir uma força militar e propor medidas fundamentadas e reais.

No início do parágrafo 13, Demóstenes propõe-se a falar dos efectivos da força militar, do seu número, dos bens necessários para a suportar e o lugar para onde se devem dirigir. No entanto, e mais uma vez, pede que o ouçam até ao fim do discurso e só então o julguem.

As propostas são claras, definidas e com total de custos: 50 trirremes e barcos suficientes para transportar a cavalaria. Deverá ter iniciativa para travar "expedições repentinas" de Filipe e a capacidade de lhe mostrar o abandono do estado de indiferença dos Atenenses.

No parágrafo 18, explicativo do porquê de tamanha força, Demóstenes explicita que a sua proposta não invalida a apresentação de outras, supomos, melhores. Pois não são de desprezar as boas medidas "como eu digo que deveis" (ὡς ἔγωγέ φημι δεῖν). Contudo lemos em Ober⁵⁸, "Demosthenes and the other rhetores wasted a great deal of their own and demo's time, expanding as they did much time and effort in perfecting their rhetorical style and in writing and delivering highly crafted speeches in which discussion of substantive proposals did not predominate". De facto, de entre as quatro *Filípicas*, este é o único discurso que apresenta propostas tão concretas e

⁵⁸ Ober (1989), p. 124.

definidas, ao ponto de apresentar o número da guarnição, a sua constituição, bens e ainda o seu custo.

O primeiro dever é simples: deverá ser uma espécie de guerrilha constante, não suportada apenas por mercenários – caso contrário o risco de revolta será maior –, e um estrategista adequado e capaz de fazer os homens segui-lo. Serão 2000 soldados, de entre os quais 500 Atenienses. Neste ponto, Demóstenes tem o cuidado de referir a idade de acordo com a preparação e experiência de cada homem em servir no exército. Quanto aos cavaleiros, anuncia-lhes um total de 200, dos quais 50 serão Atenienses. Para completar o restante número, o orador não se inibe de aconselhar mercenários (ξένους εἶναι κελεύω). Com uma transição um pouco coloquial, no parágrafo 22 (εἶεν. τί πρὸς τουτοῖς ἔτι;), Demóstenes aconselha ainda o fornecimento de dez rápidas trirremes⁵⁹, pois Filipe também possuiu embarcações.

A força naval Ateniese era, por esta altura, considerada maior do que a de Filipe e este evitava a todo custo um confronto directo com os Atenienses.

No entanto, sabemos que Filipe, de 370 a 360, esteve em Tebas, onde pôde observar as tácticas militares de Epaminondas, cujo conhecimento lhe deu possibilidade de organizar o exército macedónio e, com ele, expandir-se. Sabemos também que, nos anos precedentes ao confronto na Terceira Guerra Sagrada (356-346), obteve domínio sobre os Trácios, os Ilírios, os Peónios e conseguiu ainda impor-se na Tessália. Para além disso, reunia-se com os Tebanos, cujo poder ele considerava ser o segundo maior. Portanto, não fazendo guerra nem contra uns, leia-se Atenienses, nem contra outros, Tebanos, mantendo-se num estado relativamente neutro, não demasiado

⁵⁹ De acordo com o reparo de Cecil Wooten, a expressão tacheias triereis, em *Fil. I. 22*, é sinónimo de barcos de guerra. Por seu turno, ploia, que aparece em *Fil. I. 16* ou apenas triereis muitas vezes funcionam como barcos mercantes ou transporte.

agressivo mas sempre com atenção aos desenvolvimentos estratégico-militares que mais lhe interessavam, ele desenvolvia uma política de pseudo-pacifismo, na qual Atenas acreditava. Foi por esta razão que Filipe pôde capturar Anfípolis, Pidna, Potideia e Metone, cujas cidades tinham relações comerciais e militares com Atenas.

Demóstenes concluiu, assim, a constituição da força ateniense: diz ser suficiente e ter capacidade de fazer saques (*lesteuein*), numa actuação que seja incómoda. Além disso, será necessário ter cidadãos, pois isso evitará que as forças mercenárias lutem sozinhas, vencendo "amigos e aliados" (τοὺς φίλους καὶ τοὺς συμμάχους) e tornando os "inimigos maiores do que deviam" (ἐχθροὶ μείζους τοῦ δέοντος); é, além disso, necessário pagar-lhes, pois "não há comando, se não lhes derem salário" (οὐ γὰρ ἔστ' ἄρχειν μὴ διδόντα μισθόν). Desta forma e de modo a evitar o que antes tinha acontecido com Cares e o seu exército junto de Artábazo, Demóstenes propõe o estabelecimento de "observadores da condução do exército" (ἐπόπτας τῶν στρατηγουμένων).

Antes de concluir as propostas de constituição do exército Ateniense, Demóstenes usa de uma crítica cerrada, no parágrafo 27, para as figuras representativas ou decorativas do exército ateniense: os taxiarcos, estrategos, filarcos e hiparcos. Reflecte Demóstenes que estas figuras são meramente decorativas, que são escolhidas para a ágora, isto é, apenas para exhibir, assim como fazem os fabricantes das figurinhas de barro (τοὺς πηλίνους).

Concluindo então as suas propostas concretas, Demóstenes dá ainda conta da soma necessária para garantir a continuidade do exército. Reparte-a em alimentação, manutenção das naus, salário dos soldados e cavaleiros, perfazendo um total de "90 talentos e pouco mais" (τάλαντ' ἐνενήκοντα καὶ μικρόν τι πρόσ) por um ano. Contudo, consciente de que esta quantia é moderadamente suficiente, Demóstenes explica, convencido, que a própria guerra dará os restantes proventos necessários. Brevemente, o orador afirma

que está pronto a embarcar na expedição como voluntário e a sofrer alguma pena se o que previu não se passar. É que, do mesmo modo que Demóstenes recomenda a observação do exército para prestação de contas no final da expedição, também as medidas dos proponentes teriam de ser julgadas e avaliadas pela utilidade.

Nesta parte do discurso de Demóstenes, todas as edições que consultámos apresentam em maiúsculas ΠΟΡΟΥ ΑΠΟΔΕΙΞΙΣ, que traduzimos por "Prova dos Recursos". O texto não é incorporado no discurso de Demóstenes e, assim, o documento perdeu-se. Serviriam uma espécie de documentos que serviriam para explicar de onde viria a provisão financeira para suportar a expedição do exército.

Segundo P. J. Rhodes⁶⁰, "there was no notion of 'controlling the economy' in a modern sense [...] Athens lived from hand to mouth. [...] It is not until the middle of the fourth century that we find any conscious attempt to build up surplus funds". Portanto, não querendo atentar suposições de onde viria a provisão de dinheiro, podemos apenas dispor os meios directos de o colectar. O processo de *merismos* validava a atribuição de fundos, isto é, de uma verba autorizada de uma instituição para outra com prestação de contas no final do ano. A taxa conhecida como *eisphora* foi muitas vezes criada em períodos específicos de guerra, de tal modo que "modern books often refer to it as the 'war tax'". A *epidosia* era um apelo a donativos e contribuições voluntárias. Quanto à *leitourgia*, ou serviço público, se estava estreitamente associada ao financiamento dos festivais atenienses, era característica sua também a trierarquia, isto é, o equipamento de trirremes, para fins militares, a expensas próprias⁶¹. Por fim e apenas mais tarde, a

⁶⁰ Rhodes (2006), p. 328 e ss.

⁶¹ Sobre estes assuntos, leiam-se P. J. Rhodes, «Problems in Athenian Eispheora and Liturgies», *AJAH*, VII, 1985 e Gabrielsen (1994), *Financing the Athenian Fleet*.

última fonte de onde poderiam buscar recursos era aos excedentes do Fundo Teórico (τὰ θεωρικά⁶²), que foram votados, não sem reservas, a migrarem para o Fundo Estratiótico (τὰ στρατιωτικά⁶³).

Sabemos, de facto, que desde 378 existiria em Atenas um fundo especial para custear as guerras - τὰ στρατιωτικά. Depois do fim da Guerra Social ou dos Aliados, em 355, o excedente de cada ano era entregue a uma comissão responsável pela distribuição de dinheiro por serviços públicos – οἱ ἐπὶ τὸ θεωρικόν. Mas, a partir da emergência de Filipe e da necessidade em combatê-lo, Apolodoro, por volta de 348, apresenta uma proposta à Assembleia, na qual é discutida a possibilidade de transferir de novo os recursos do Fundo Teórico para fins militares. Contudo, havia uma lei – académicos dizem provavelmente criada por Eubulo – que, sob pena de morte, proibia a transferência de dinheiro do *ta theorika* para o *ta stratiotika*. Com base em Demóstenes, em defesa de Apolodoro no seu discurso *Contra Neera*, cuja primeira parte nos dá conta da situação financeira ateniense, a proposta de Apolodoro fazia votar na Assembleia se os bens excedentes da administração deveriam ser devolvidos ao *stratiotika* ou *theorika*, pois segundo uma outra lei anterior, sempre que houvesse guerra, os recursos excedentes da administração deveriam ir para o fundo especial militar ("λέγον διαχειροτονῆσαι τὸν δῆμον εἴτε δοκεῖ τὰ περιόντα χρήματα τῆς διοικήσεως στρατιωτικὰ εἶναι εἴτε θεωρικά, κελεύοντων μὲν τῶν νόμων, ὅταν πόλεμος ᾖ, τὰ περιόντα χρήματα τῆς διοικήσεως στρατιωτικὰ εἶναι")⁶⁴.

Mas tornando à análise da *Primeira Filípica*, depois de ter concluído as suas propostas de ataque e saque na costa Macedónia e de ter sumarizado o

⁶² Fundo destinado a pagar a entrada de cidadãos mais pobres no teatro ou a pagar encargos de serviços públicos.

⁶³ Fundo destinado a ajudar e/ou suportar os custos de guerra.

⁶⁴ Sobre este assunto, leia-se Cawkwell, *Mnemosyne* 15. 4, 1962 e *JHS* 83, 1963; Hansen, *GRBS* 17. 3, 1976; Rhodes, *The Athenian Boule* (1972), pp. 104-105 e 235-240.

seu custo, Demóstenes volta-se agora para outros dados e medidas a ter em conta na luta contra Filipe. Nada é descurado, desde a geografia do terreno (τόπον τῆς χώρας), inclinação dos ventos (τοῖς πνεύμασι) e estações do ano (ταῖς ὥραις τοῦ ἔτους) (31). De facto, Demóstenes parece ter conhecimento acerca dos ventos mais propícios para navegação, uma vez que relata a dificuldade em navegar de sul para norte devido aos ventos etésios (τοὺς ἐτησίας) soprarem de noroeste, situação da qual Filipe toma vantagem. É, então, sobretudo por este obstáculo que Demóstenes recomenda que a força agora a enviar seja estacionária no norte, onde poderá parar em ilhas em volta, como Lemnos, Tasos e Cíatos, que servirão de quartel de inverno e providenciarão mantimentos e porto seguro.

Reunir recursos, constituir o exército, ser observador do modo como actua o exército, ou seja, o que Demóstenes recomendou até agora, será isso o que os cidadãos na Assembleia terão de realizar, pois o orador é claro ao dizer que apenas o general do exército ocupar-se-á da forma de actuar do exército, de modo que Filipe se sinta ameaçado por isso.

Demóstenes toca ainda num outro assunto delicado: a comparação entre o cuidado na preparação para os festivais, neste caso as Panateneias e as Dionísias, e a falta dele nos assuntos militares que agora se impõe. Isto é, o orador critica a excessiva antecedência na preparação dos festivais: gastos "tantos recursos nisso que de modo algum se aplicam nas expedições" (εἰς ἅ τοσαῦτ' ἀναλίσκεται χρήματα, ὅσ' οὐδ' εἰς ἓνα τῶν ἀποστόλων) que acabam por chegar sempre depois da ocasião. Certamente, Demóstenes refere-se ao atraso na ajuda a Anfípolis, Potideia e Metone. Além disso, volta a referir a tendência de usar outros que não cidadãos na força do exército. Demóstenes sublinha, numa tripla repetição (36), o envio de metecos e libertos, depois os mesmos de novo e ainda mais uma vez "em nossa vez", infere-se, de cidadãos. Lê-se, em grego, "καὶ μετὰ ταῦτ' ἐμβαίνειν τοὺς μετοίκους ἔδοξε καὶ

τοὺς χωρὶς οἰκοῦντας, εἴτ' αὐτοὺς πάλιν, εἴτ' ἀντεμβιβάζειν". Acerca deste último verbo e da sua estranheza, Tyler⁶⁵ explica o significado: "to embark ourselves instead, lit. to make ourselves go on board. The expression is as strange in the Greek as in the English, and various amendments have been suggested to correct it. [...] Perhaps the orator means to satirize the absurdity of their conduct by the strangeness of the language." Pois enquanto se demora tempo nestas preparações, Filipe vai ganhando vantagem, ao ponto de ter enviado um "insolente" aviso aos Eubeus. Nas várias edições, apenas lemos ΕΠΙΣΤΟΛΗΣ ΑΝΑΓΝΩΣΙΣ, sem sabermos qual o conteúdo da carta. Mas no corpo do discurso de Demóstenes, apenas aparece a informação da leitura da carta e não o seu conteúdo. Segundo Tyler⁶⁶, "The letter, which, like the schedule at § 30, are read and not incorporated with the text, are said by the Scholiast to have been chiefly a warning or advice to the Euboeans not to build any hopes on their alliance with the Athenians, who were not able to help them".

Este espírito de medo que Filipe poderá ter incutido nos Eubeus, vem na sequência do controlo passivo do qual sabemos Filipe adepto. Isto é, ser-lhe-ia mais fácil tomar os Eubeus por meio de uma aliança, prometendo-lhes segurança, do que ter que lidar com uma aliança entre eles e os Atenienses. O que também interessa na discussão, sendo verdade o conselho de Filipe ao dizer que os Eubeus não deveriam ter esperança na ajuda dos Atenienses, é que Filipe não estaria tão longe da verdade, insultando ainda mais os Atenienses. Pois já Demóstenes, ao longo do discurso, muitas vezes acusa a passividade destes últimos.

⁶⁵ Tyler (1875), p. 83.

⁶⁶ Ibidem.

A partir do parágrafo 38, notamos uma cadência mais rápida do discurso que os comentadores já notavam. De Carlier⁶⁷, citamos: "Après cette justification, le mouvement de la première *Philippique* s'accélère. Démosthène fait alternée exhortations et critiques à un rythme de plus en plus rapide."; de Cecil Wooten⁶⁸, "This sort of swelling sentence, in which D piles one bit of information on top of another, is meant to overwhelm the listener and win him over to D's position."

Os dois parágrafos seguintes ilustram como tem sido a política ateniense nas últimas quezílias com Filipe. As palavras de Assembleia não são proactivas e a acusação não é nova, pois retoma o aspecto da antecedência e da preparação militar. Demóstenes aconselha a necessária antecipação, quando em tempo de guerra, exemplificada por um símile que ocupa todo o parágrafo 40: os Atenienses guerreiam como os bárbaros que praticam o boxe – não se antecipam, não prevêm os golpes e onde quer que sejam atingidos levam aí as mãos. Também os Atenienses, neste caso em relação às suas colónias e cidades aliadas no norte, não prevêm a actuação de Filipe, capturando as cidades e tornando-as suas, e só depois acorrem a enviar ajuda. Diz Demóstenes do bárbaro, palavras que se aplicam aos Atenienses: "Proteger-se ou observar o opositor, não sabe nem quer" (προβάλλεσθαι δ' ἢ βλέπειν ἐναντίον οὔτ' οἶδεν οὔτ' ἐθέλει) e, assim, Demóstenes critica severamente a sujeição completa dos Atenienses à vontade do Macedónio (καὶ στρατηγεῖσθ' ὑπ' ἐκείνου).

Com algum humor, Demóstenes inclui ligeiramente o tema da religião no seu discurso, explicando que algum deus terá incitado Filipe a agir, de modo que a sua acção inspirasse nos Atenienses o desejo de actividade. Pois

⁶⁷ Pierre Carlier (1990), p. 105.

⁶⁸ Ibidem, p. 103.

nesta situação, a de estar condenados à vergonha (*aischunen*) e cobardia (*anadria*), será a maior desonra (*ta aischista*).

As considerações finais de Demóstenes, expressas nos parágrafos finais do discurso (43 e ss.), levam-no a fazer um discurso, neste ponto, mais voltado para a emoção do que para a racionalização de acontecimentos causa/efeito que tem vindo a enunciar. Para sublinhar a expressividade da emoção, é notório o largo uso de interrogações retóricas, assim como o recurso a verbos que têm mais que ver com sensações interiores, sejam elas racionais – verbos do foro intelectual: reflectir, aconselhar, decretar (*ένθυμείται, βούλεσθε, ψηφίζεσθε*) – ou emotivas: admirar-se, enraivecêr-se, esperarçar [*θαυμάζω, όργίζεται, άποστειλήτε (έλπίδας)*].

São pequenos parágrafos, rápidos, que ora exortam, de novo, à acção, ora criticam e atacam, de novo, a falta dela e o vazio, intelectual e emotivo, que dela advém. São parágrafos que apontam importantes pormenores e que sugerem um resumo do discurso: o início da guerra era para castigar Filipe e o fim é já o de não sofrer qualquer mal; Filipe não se deterá, se ninguém o impedir; os Atenienses não deverão delegar a ajuda nos outros, pois deverão ser os próprios a embarcar e combater Filipe; não deverão escutar injúrias e acusações mútuas dos oradores, pois deverão trabalhar todos para o mesmo fim; se os Atenienses atacarem, os deuses ajudarão; mercenários mal pagos jamais trarão à cidade os benefícios que os Atenienses procuram, e deste modo, Demóstenes recorda a utilização de observadores dos combates. E quanto à escolha dos generais para a chefia dos exércitos, Demóstenes adianta ainda que os estrategos preferem acusações de morte, por duas e três vezes! (*τῶν στρατηγῶν ἕκαστος δις καὶ τρις κρίνεται παρ' ὑμῖν περὶ θανάτου*), do que enfrentar os inimigos no campo de batalha.

Os últimos quatro parágrafos dão conta das movimentações de Filipe e das suas alianças/conquistas com outros povos (Lacedmónia, Tebas, Pérsia,

Ilíria), aumentando a tensão nos Atenienses de que Filipe não irá parar, se não o travarem, pois ele está "embriagado com a sua grandeza" (μεθύειν τῷ μεγέθει) e "sente-se excitado com as suas realizações" (τοῖς πεπραγμένοις ἐπηρμένον).

Ao concluir o seu discurso, Demóstenes prevê a possibilidade de combater Filipe na Ática, o que acontecerá de facto, quando ainda podem atacá-lo na sua terra. Isto é, funciona aqui uma psicologia de guerra: é mais estimulável e preferível combater Filipe na Macedónia e mantê-lo afastado da Ática, do que ter que lidar com ele mais perto de casa, sabendo que, se isso acontecer, é pelo facto de Filipe ter descido da Macedónia até perto de Atenas com territórios conquistados e povos submetidos e/ou aliados. De facto, em 346, aquando das negociações para o Tratado de Paz, aquando dos atrasos do juramento para a Paz de Filócrates, aquando da *Segunda Filípica*, Filipe encontra-se nas Termópilas, que é símbolo da ousada proximidade a Atenas e naturalmente uma emocional associação à invasão persa de 480.

Por fim, recorda que tudo o que disse foi em favor da cidade, mas se assim não o aceitarem, está disposto a incorrer na pena que melhor se adequar. Pois, como Cecil Wooten afirma, "What D probably fears here is a *graphe paranomon*, a procedure «whereby the proposer of a decree in Assembly could subsequently be tried in court for having proposed a measure contrary to democratic principles and to Athens' laws.»⁶⁹".

⁶⁹ Ober (1989).

II.2 Tradução da *Primeira Filípica*

Resumo de Libânio

Os Atenienses, apanhados em má situação na guerra contra Filipe, reuniram-se em assembleia, desanimados. Então, o orador tenta travar o desânimo, dizendo que não é nada de admirar, se os negligentes predominam; aconselha, também, como tornar as coisas melhores na guerra.

Ele recomenda que sejam preparadas duas forças militares: uma maior de cidadãos que permanecerá no país e, pronta, entrará em acção em cada necessidade eventual; a outra mais pequena, composta por estrangeiros⁷⁰ que combatem no exército, misturados com cidadãos. Recomenda ainda que esta força não deve ficar em Atenas para socorrer a cidade, mas deverá fixar-se na Macedónia, fazendo-lhe guerra incessante, para que Filipe, não aproveite os ventos Etésios ou o inverno, em que não é possível navegar de Atenas para a Macedónia, nem tente tais acções e, na sua ausência, domine todos os Atenienses. Mas, pelo contrário, a força, próxima, esteja pronta a fazer-lhe frente.

[1] Se houvesse proposta a discutir um assunto novo⁷¹, Atenienses, eu esperava até que a maior parte dos que costumam falar manifestassem a sua opinião e se me satisfizesse algo do que dissessem, guardava silêncio. Caso contrário, nessa altura, eu próprio procuraria dizer o que sei.

Uma vez que voltam a assunto que eles próprios, antes, várias vezes trataram, acedo também agora examiná-lo e, se sou o primeiro a levantar-me, espero obter o vosso perdão. Pois se, no tempo que passou, eles tivessem aconselhado o que deviam, não vos era necessário deliberar agora.

⁷⁰ Traduzimos igualmente *xenoi* (estrangeiros) por mercenários.

⁷¹ O assunto a tratar será a forma de impedir Filipe de progredir nas suas conquistas.

[2] Em primeiro lugar, não tenhais medo da situação presente, Atenienses, mesmo que possa parecer muito má. É que o pior do passado pode ser o melhor no futuro. Como tal pode ser? É que, Atenienses, como não fizestes nada do que devíeis, as coisas encontram-se mal. Na verdade, se tivésseis realizado tudo o que importava, não haveria esperança de as coisas se tornarem melhores.

[3] Deveis então reflectir, recordando-vos do grande poder dos Lacedemónios, quer por ter escutado de outros, quer por vós próprios o ter visto, ainda não há muito tempo, como de forma bela e oportuna, agistes sem qualquer indignidade pela cidade, mas por causa da justiça, empreendestes a guerra contra eles.

Para que saibais, ó Atenienses, e reflectais que nada tereis a temer se guardardes a defesa, nem nada acontecerá como quereis, se fizerdes pouco caso. E isto deduz-se dos paradigmas da força de outrora dos Lacedemónios, que vós vencestes ao ter em conta a situação e, também, a insolência do inimigo de agora, que nos inquieta por não cuidarmos nada do que é necessário.

[4] Se algum de vós, Atenienses, pensa que Filipe é difícil de vencer, vendo a vastidão das forças do seu próprio poder e todas as terras que ele conquistou à nossa cidade, na verdade constata-o de forma correcta. Pensai, todavia, o seguinte: que nós, Atenienses, em tempos, tivemos Pidna, Potideia, Metone e todos os lugares em volta da nossa terra; e muitos dos povos que estão agora dependentes dele eram independentes e livres e que, de facto, preferiam ter-nos a nós a seu lado em vez de Filipe.

[5] Se, de facto, Filipe tivesse então a ideia de que é difícil fazer a guerra contra os Atenienses, que possuem tantas fortalezas na sua terra; e se também estivesse destituído de aliados, não teria agora feito nada do que realizou nem teria alcançado tamanha força.

Mas ele, Atenienses, sabia claramente que todos esses lugares eram prêmios de guerra que jaziam à disposição e que, por natureza, pertencem aos presentes os bens dos ausentes e aos que aceitam o esforço e o perigo os bens dos que são negligentes.

[6] E ao tomar tal resolução, ele tudo subjuga e tem: quer o possua recorrendo à guerra, quer fazendo alianças e amizades; pois todos desejam ser aliados e dirigir o espírito para os que vêm preparados e querem conseguir aquilo que é necessário.

[7] Pois bem, se também vós, Atenienses, quiserdes seguir agora esta orientação, já que a não tomastes antes, e se cada um de vós - no que deve e for capaz de realizar de útil à sociedade - deixar toda a dissimulação e, sem hesitação, começar a agir, o que tem posses a contribuir e o que está em idade a servir no exército - para abreviar de forma simples - se quiserdes ser vós mesmos e se cada um de vós abandonar a esperança de nada fazer e de que o vizinho executará tudo em sua vez, também cuidareis das vossas próprias coisas, se a divindade o quer, e recuperareis as coisas antes perdidas por negligência e vingar-vos-eis dele.

[8] Não julgueis, como se ele fora um deus, que as acções presentes sejam imutáveis para ele. Pelo contrário, também o odeiam e temem, ó Atenienses, também o invejam, mesmo os que agora lhe parecem ser muito familiares. E tudo quanto se passa com os outros homens, deveis pensar que também se encontra nos que o rodeiam. Tudo, todavia, se encolhe de medo, por não ter recuso, devido à vossa lentidão e indiferença. Disso, vos digo eu, deveis corrigir-vos já.

[9] Observai pois, Atenienses, a que ponto chegou a insolência do homem, que não nos dá escolha de agir ou de ficar na quietude. Pelo contrário, ameaça e profere palavras arrogantes, como se diz, e não é capaz de parar no

que subjogou, mas sempre estende mais alguma coisa ao seu território e cerca-nos com armadilhas por todo o lado, enquanto permanecemos quietos.

[10] Ora quando, Atenienses, quando é que realizais aquilo que é necessário? Quando acontece algo? Até que, por Zeus, haja alguma necessidade. E agora que devemos pensar dos recentes acontecimentos? Pois eu penso que, para homens livres, a maior necessidade é a vergonha por causa desta situação. Ou quereis, dizei-me, andar por aí a perguntar: "O que se diz de novo?". Pois haveria maior novidade do que um Macedónio fazer guerra aos Atenienses e controlar os assuntos dos Helenos?

[11] "Filipe morreu?" "Não, por Zeus, mas está fraco." E para vós, qual é a diferença? É que, se lhe acontece alguma coisa, rapidamente vós criareis segundo Filipe, se assim dais atenção às vossas coisas. Na verdade, ele não cresceu tanto graças à sua própria força, quanto devido à nossa negligência.

[12] E é assim, de facto. Se lhe acontecer alguma coisa e se a sorte - que de nós cuida sempre melhor do que nós próprios - nos realizar essa tarefa, ficai a saber que, estando perto a observar toda a agitação, governareis como quereis. Mas na situação em que estais agora, não vos será possível, não vos será possível acolher Anfípolis que a ocasião vos dá, desprovidos que estais quer de poder militar, quer de convicções.

[13] Ora, como é preciso fazer as coisas convenientes e todos quereis agir com prontidão, convencidos que estais e persuadidos, cesso de insistir. Mas acerca da constituição da força militar que, penso, vos salvará da situação presente, o número de homens e os recursos de bens que são necessários e outras coisas como me parece a melhor e mais rápida maneira de as preparar, vou tentar dizer-vos, ó Atenienses, suplicando-vos o seguinte.

[14] Quando escutardes tudo, julgai. Antes não avanceis. E nem que eu, de início, pareça falar de nova força, considerai que eu estou a aplainar o assunto. Pois não são os que proclamam "rápido" e "hoje" que sobretudo dizem o que convém - pois, o que já aconteceu, não conseguimos evitá-lo com o socorro de agora -,

[15] mas aquele que mostra as forças militares a enviar, o seu número e o lugar em que devem permanecer, até que ou nos desligamos da guerra submetidos ou nos superiorizamos ao inimigo. Pois assim, do resto já nada nos fará mal. Ora, eu creio poder dizer tais coisas, sem impedir que outra pessoa anuncie nova proposta. Esta é, assim, a minha grande promessa e o assunto oferecerá de imediato a prova. E os juízes sereis vós.

[16] Pois bem, Atenienses, em primeiro lugar penso que é necessário ter equipadas 50 trirremes, assim como deveis estar depois decididos a embarcar nelas e navegá-las vós próprios, se necessário. Mas além disso, recomendo que estejam preparadas trirremes e barcos suficientes para transportar metade da cavalaria.

[17] Penso, de facto, que é necessário tomar iniciativa contra as repentinas expedições de Filipe, a partir da sua terra, contra as Termópilas, o Quersoneso, Olinto e qualquer lugar que ele queira. Pois bem, é preciso inspirar-lhe no espírito este sentimento: que vós abandonastes essa excessiva indiferença. E tal como fizestes contra a Eubeia, diz-se que antes contra Haliarto e, por fim, recentemente, contra as Termópilas, de igual modo podereis avançar agora.

[18] De todo o modo, mesmo que não façais as coisas como eu digo que deveis, não é de desprezar, para que, ou pelo medo, sabendo-vos preparados, (e sabê-lo-á perfeitamente, já que são muitos, são mesmo muitos, entre vós, os que lhe vão contar tudo o que é necessário), mantém-se quieto

ou, se ele negligenciar essas coisas, é apanhado desprevenido, por não haver ninguém que vos impeça de navegar contra a sua terra, se ele vos der oportunidade.

[19] Estas são as medidas que, em minha opinião, todos deveis tomar e os preparativos que me parecem necessários. Mas além disso, Atenenses, digovos ser necessário que prepareis uma força que, sem cessar, lhe fará guerra e lhe causará dano. Não deverá ser constituída por 10.000 ou 20.000 estrangeiros, nem uma força no papel. Pelo contrário, será uma força da cidade e quer escolhais um único estrategista ou vários, quer tal personalidade ou outra, obedecê-lo-á e seguí-lo-á. E recomendo que lhe proporcioneis alimento.

[20] E que força será essa e quais os efectivos⁷²? De onde obterá o alimento e como deveis fazer as coisas⁷³? Dir-vos-ei referindo, em separado, cada um destes pontos. Começo pelo estrangeiros: de modo algum, deveis fazer o que muitas vezes vos prejudicou. Habitados a pensar tudo menor do que necessário e a eleger nos decretos coisas consideráveis, no realizar nem as pequenas fazeis. Pois bem, fazendo o pouco e dando pequenos passos a isso acrescentareis outras coisas, se vos parecer insuficiente.

[21] Proponho precisamente que sejam 2000 soldados ao todo e destes afirmo que 500 devem ser Atenenses e de uma idade que vos pareça adequada, preparados para servir no exército durante um determinado tempo, não muito longo, mas tanto quanto consideréis bastante e em sucessão⁷⁴. Os outros, aconselho que sejam estrangeiros. E além disso 200 cavaleiros, dos

⁷² Traduzimos por "efectivos" o grego *pose* que nos dá ideia de número e quantidade.

⁷³ O verbo *ethelein*, com uma forma verbal em infinitivo, neste caso o verbo *poiein*, tem o sentido de dever.

⁷⁴ Em contínuo, ou seja, combatem uns, estando outros preparados para os substituir e assim sucessivamente.

quais, pelo menos, 50 devem ser Atenienses e a servir da mesma maneira como a infantaria. E transportes para eles.

[22] Muito bem. Que mais falta, além disso? Dez rápidas trirremes. E dado que Filipe tem uma frota, também nós devemos possuir embarcações rápidas, para que a força militar navegue em segurança. De onde é que lhes virá o mantimento? Eu também disso falarei e isso mostrarei, quando vos explicar porque penso ser suficiente uma força desse tamanho e porque proponho sejam cidadãos a servir no exército.

[23] A força é assim, Atenienses, porque, na situação presente nós não podemos preparar um exército que, em linha, lhe faça frente. Pelo contrário, há necessidade de fazer saques e de recorrer primeiro a esse tipo de guerra. E essa actuação não deve ser desmesurada (pois não há soldada nem abastecimento), nem de todo insignificante. E recomendo que os cidadãos estejam presentes e naveguem juntos porque, em situação anterior, ouvi dizer que a cidade manteve um exército estrangeiro em Corinto, do qual eram chefes Polístrato, Ifícrates, Cábrias⁷⁵ e alguns outros, e que vós com eles, na empresa, participastes. E sei, por o ter ouvido, que esses estrangeiros, lado a lado convosco, enfrentaram os Lacedemónios, vencendo-os, e vós com eles.

[24] Mas desde que essas forças mercenárias, sozinhas, lutam para vós, vencem os amigos e os aliados; e os inimigos tornam-se maiores do que deviam. E lançando um olhar descuidado para a guerra da pólis, preferem

⁷⁵ Segundo Cecil Wooten (2008), "Very little is known about Polystratus. Iphicrates was famous for having defeated a mora (600 troops) of heavily armed Spartan hoplites with a squadron of more lightly armed troops in 390 during the Corinthian War. Chabrias succeeded Iphicrates as general in the Corinthian War but was to achieve greater fame by his defeat of the Spartan fleet at Naxos in 376."

partir para junto de Artábazo⁷⁶ e para qualquer lugar; e o comandante segue-os, naturalmente. É que não há comando se não lhe derem salário.

[25] Que proponho então? Que suprimam os motivos quer do comandante, quer dos soldados, fornecendo salário e estabelecendo soldados da cidade como observadores da condução do exército. É que, neste momento, é motivo de riso o modo como procedemos nas nossas actuações. De facto, se alguém vos perguntar: "Estais em paz, Atenienses?", respondereis: "Nós não, por Zeus. Pelo contrário, estamos em guerra com Filipe."

[26] Não tendes, porém, escolhidos de entre vós mesmos dez taxiarcos, 10 estrategos, 10 filarcos e 2 hiparcos⁷⁷? E que fazem eles? Com a excepção de um único homem, o que vós enviastes para a guerra, os restantes conduzem as vossas procissões juntamente com os sacerdotes⁷⁸. Ora, como os

⁷⁶ Citamos Cecil Wooten (2008): "During the Social War between Athens and some of her allies in the Athenian League who had revolted in 357/56, Chares was one of the Athenian commanders, and when Artaxerxes III Ochus, for reasons that we do not completely understand, ordered the satraps along the coast to dismiss their mercenary troops, Chares enrolled ten thousand of them into his army, although he could not pay them. When, consequently, Artabazus, the satrap of Hellespontine Phrygia, who was in revolt against Artaxerxes, again for reasons that we do not understand, invited Chares to fight with him against the Great King, Chares's men forced him to accept. After defeating a large Persian force, Artabazus gave Chares money to pay his troops."

⁷⁷ Embora se ateste o feminino de taxiarco (por influência do francês), escolhemos usar o masculino para os cargos. Assim taxiarco é o antigo oficial ateniense, que comandava a infantaria da sua tribo. Uma taxiarquia era uma subdivisão da infantaria grega, a qual constava de 128 homens; filarco é o comandante de um dos 10 corpos de cavalaria, fornecidos pelas 10 tribos e subordinado a um dos dois hiparcas; e hiparco é uma designação dos generais da cavalaria. Uma hiparquia é o comando de um corpo de cavalaria de 512 homens.

⁷⁸ Não há propriamente sacerdotes, pois os que faziam as coisas sagradas eram os próprios magistrados.

fabricantes das figurinhas de barro⁷⁹, é para a ágora que escolheis os taxiarcos e os filarcos, não para a guerra.

[27] Ora, Atenienses, não seria conveniente que fossem dos vossos os taxiarcos, que fosse dos vossos o hiparco, que fossem nativos os arcontes, para serem verdadeiramente uma força da pólis. Na verdade, o vosso hiparco tem de navegar para Lemnos e é Menelau⁸⁰ que é o hiparco dos que combatem pelos bens da cidade. Não é por censura ao homem que digo isto, mas por vós devia ele ser escolhido, quem quer que ele fosse.

[28] Talvez possais dizer com razão e, acerca do que é necessário, estais ansiosos por escutar quanto é o custo e de onde vêm os recursos. E eu realizo esse desejo. Em relação aos bens: a provisão para esta força, apenas em trigo, é de 90 talentos e pouco mais; para as dez naus rápidas 40 talentos, 20 minas por nau para cada mês; outra quantia semelhante para os 2000 soldados, para que um soldado receba 10 dracmas por mês em alimento; para os 200 cavaleiros, se cada um receber 30 dracmas por mês, são 12 talentos.

[29] E se alguém pensar que é pequena quantia para alimento a soldados que combatem, não tem correcto conhecimento. É que eu sei perfeitamente que, se assim acontecer, a própria expedição, durante a guerra, providenciará ao resto, sem prejuízo de qualquer um dos Helenos ou dos aliados, para receber o salário completo. Eu estou pronto a embarcar com eles, como voluntário, e a sofrer algum castigo, se assim se não passar. De onde virá a provisão financeira que eu vos recomendo? É o que vos direi de seguida.

⁷⁹ Demóstenes faz a comparação entre as figurinhas de barro para brincar com os generais que mais não são do que "amostras". As figurinhas do Período Helenístico dão exemplos de usos, costumes, vestuários.

⁸⁰ Crê-se que Menelau era um estrangeiro.

PROVA DOS RECURSOS

[30] Tais são, ó Atenienses, os recursos que conseguimos obter. Depois de aprovadas as propostas, votareis o que vos agradar, para que não luteis contra Filipe, apenas com decretos e despachos, mas também com acções.

[31] Parece-me que deliberáveis muito melhor sobre a guerra e sobre o exército em geral, se, Atenienses, considerásseis a geografia do terreno, em que possais fazer a guerra; e se pensásseis que, pelos ventos e pelas estações do ano, Filipe consegue ganhar grande vantagem. E é aproveitando os ventos etésios e o inverno que ele ataca, quando nós não conseguimos chegar lá.

[32] Perante tais considerações, não se deve fazer guerra com empresas de socorro (pois chegaríamos sempre tarde), mas façamo-la com um exército e força permanentes. Para quartel de inverno, tendes, para o exército, Lemnos, Tasso, Cíatos e as ilhas em volta, nas quais se encontram portos, mantimentos e o que faz falta à expedição. Trata-se da estação do ano, quando é mais fácil estar em terra e ter o favor dos ventos; nela será fácil a força⁸¹ aproximar-se de terra e das embocaduras dos portos de comércio.

[33] Então, como utilizar esta força e quando, o comandante por vós designado decidirá em cada ocasião. O que deveis já começar, isso é o que eu escrevi. Se, Atenienses, reunirdes primeiro esses recursos que refiro, e se em seguida preparardes as outras coisas, ou seja, os exércitos, as trirremes, os cavaleiros, em suma, se compelirdes toda a força pela lei a permanecer na guerra, e se fordes vós próprios os guardiães e os fornecedores dos bens, exigindo contas ao estratego das operações, cessareis de deliberar sempre acerca destas coisas e de não fazer mais nada.

⁸¹ Lacuna que é sugerida para completar com *dunamis*.

[34] E ainda, Atenienses, a este homem retirareis o primeiro e maior dos seus recursos. E qual é ele? A partir dos vossos aliados, guerreia-vos, pilhando e saqueando os que cruzam o mar. Depois que se segue? Vós próprios estareis livres de sofrer qualquer mal externo, não como no tempo passado em que ele se lançava contra Lemnos e Imbros e levava os vossos cidadãos cativos, capturava os navios mercantes junto de Garisto e reunia bens incontáveis, por fim, desembarcou em Maratona e desse local levou consigo a trirreme sagrada. E vós não o fostes capazes de impedir nem de prestar ajuda no tempo oportuno.

[35] E para concluir, Atenienses, como explicais que a festa das Panateneias e a das Dionísias aconteçam sempre na altura certa, sejam peritos ou desconhecedores os indicados, pela sorte, para uma e outra dessas funções? Que nisso se gaste tantos recursos que de modo algum se aplicam numa das expedições? E que se veja tanta multidão e tanta preparação que não se encontra em tudo o resto, e que todas as vossas expedições cheguem depois da ocasião, quer a Metone, quer a Pagasa, quer a Potideia?

[36] É que tudo isso está consignado na lei e cada um de vós sabe com muita antecedência quem é corego ou gimnasiarco da tribo, quando e de quem ele deve receber e o que deve fazer: nada, em tais assuntos, está negligenciado pela investigação nem fica indefinido. Mas nas questões da guerra e na preparação dela, tudo está caótico, sem controlo. Ou seja, mal ouvimos alguma notícia, indicamos os trierarcos dos navios, fazemos as trocas em tais questões e ponderamos as provisões; e depois disso, decide-se embarcar os metecos e os libertos, depois estes mesmos de novo, depois fazei-los embarcar em vossa vez.

[37] E depois, em tanto tempo que isto demora, é destruído primeiro aquilo por que navegamos. Pois, o tempo da acção gastámo-lo a preparar-nos, mas as ocasiões das coisas não esperam a nossa lentidão e os nossos pretextos. E

as forças que, nesse intervalo, pensamos estarem preparadas, postas à prova num momento oportuno, não são capazes de fazer nada. E ele chegou a tal insolência que já enviou aos Eubeus cartas como esta.

LEITURA DA CARTA

[38] O que foi lido, Atenienses, é tudo verdade, como não devia ser, e todavia talvez não vos seja agradável de ouvir. Mas se são omitidos os acontecimentos que alguém deixa de lado no discurso, para não afligir, deve-se apenas discursar para agradar. Mas se o encanto das palavras, no que não interessa, causa dano à acção, é vergonhoso enganar-nos a nós mesmos e, ao adiar tudo o que é incómodo, protelar todas as acções;

[39] e não ser capaz de compreender que, para se dedicar à guerra de forma sólida, é conveniente não seguir os acontecimentos, mas antecipar-se a eles, e do mesmo modo que alguém aprecia que o estrategista conduza os exércitos, assim também os que deliberam o devem fazer para os acontecimentos, para que as coisas que se lhes apresentam sejam realizadas e não sejamos forçados a seguir os acontecimentos.

[40] Vós, Atenienses, que tendes a maior força de todas - trirremes, hoplitas, cavaleiros, acesso de rendimentos -, desses recursos, até ao dia de hoje, nunca dispusestes naquilo que é preciso e nunca superais golpe: como os bárbaros praticam o boxe, assim lutais com Filipe. E, de facto, entre eles, o que sofre um golpe sempre se agarra ao lugar atingido, e se lhe acertam noutra parte, leva aí as mãos. Proteger-se ou observar o opositor, nem sabe nem quer.

[41] E vós, se ouvís dizer que Filipe está no Quersoneso, votais acudir aí em ajuda; se nas Termópilas, para lá acorreis; se em algum outro lugar, correis acima e abaixo, e sois comandados por ele. Nunca decidis vós próprios nada de útil para a guerra, nem conseguís antever nenhum dos acontecimentos,

antes de observardes se alguma coisa ocorreu ou está a ocorrer. As coisas talvez fossem assim antes. Agora, porém, chegaram a tal cume que já nada é possível.

[42] Parece-me, Atenienses, que algum deus, envergonhado com acontecimentos da nossa cidade, incute em Filipe esse desejo de agir. Pois se ele, com aquilo que já submeteu e capturou, desejasse ter tranquilidade e não empreendesse mais nada, parece-me que, para alguns de vós, seria suficiente, satisfeitos de estarmos condenados à vergonha e cobardia - a maior desonra de todas para o povo. Mas agora, ao empreender sempre alguma coisa e ao desejar sempre mais, talvez vos incite a agir, se ainda não desististes de todo.

[43] Espanta-me, Atenienses, se nenhum de vós reflecta ou se encolerize, ao ver que o início da guerra era para castigar Filipe e que o fim é já o de não sofrer mal por parte de Filipe. Mas é evidente que este se não deterá, se alguém não o impede. E então vamos suportar isto? Enviais trirremes vazias e colocais esperanças em um outro, a acreditar que tudo está bem?

[44] Não embarcaremos? Não partiremos nós mesmos com uma frota de soldados nativos agora, se o não fizemos antes? Não navegaremos contra a frota dele? "E onde, então poderemos ancorar?", perguntará alguém. Mostrará, Atenienses, os pontos fracos das suas acções a própria guerra, se atacarmos. Mas se nos sentarmos em casa, a escutar injúrias e acusações mútuas dos oradores, nunca nos acontecerá nada do que necessitamos.

[45] Pois, penso eu, para onde se enviar a cidade, parte dela senão toda, também a benevolência dos deuses e da sorte combaterá connosco. Mas para onde enviardes um general, um decreto vazio e as esperanças vindas da tribuna, nada vos acontecerá daquilo de que necessitam, enquanto os

inimigos se rirão descaradamente e os aliados morrerão de medo com tais enviados.

[46] Pois não é possível, não é possível de modo algum, que um único homem seja capaz de fazer tudo tal como quereis: prometer, afirmar, injuriar um, depois outro, isso é possível. E actos destes nos perdem. Quando, porém, o general conduz infelizes estrangeiros mal pagos, quando há aqui pessoas que vos mentem facilmente sobre o que ele faz e quando vós, de acordo com o que ouvís dizer que acontece, tomais decisões - que também se pode esperar?

[47] Como pode isso terminar? Assim que vós, Atenenses, apresentardes soldados que serão eles próprios testemunhos dos que dirigem os combates e também juízes na prestação de contas, ao regressarem a casa, a ponto de não ouvirdes apenas deles os vossos assuntos, mas observardes também com a presença no local. Agora, as coisas chegam a tal vergonha que cada um dos estrategos é acusado à morte, perante vós, duas e três vezes, mas perante os inimigos, nenhum deles ousa uma única vez enfrentar a morte em combate. Preferem antes a morte dos raptos de escravos e dos ladrões à do homem justo. Pois é próprio do malfeitor morrer por ser condenado e do general lutar com os inimigos.

[48] Entre nós, dizem uns, por aí, que Filipe negoceia com os Lacedemónios a dissolução de Tebas e a destruição dos estados constitucionais; outros, que envia embaixadores ao rei Persa; outros, que ele fortifica as cidades da Ilíria; outros, enfim, forjam notícias que cada um recolhe aqui e além.

[49] Por minha parte, eu penso, Atenenses, que ele, pelos deuses, está embriagado com a grandeza das suas proezas e sonha, no espírito, muitas coisas semelhantes, ao ver a ausência de adversários e ao sentir-se excitado com as suas realizações. Não penso todavia, por Zeus, que ele escolha agir de

tal modo que os mais tontos de entre vós se apercebam do que ele está prestes a fazer. Ora os mais tontos são aqueles que espalham as notícias.

[50] Mas se deixarmos isso, reconheceremos que esse homem é nosso inimigo, que nos rouba o que é nosso e nos insulta há muito tempo. Tudo o que alguma vez esperámos alguém fazer em nosso favor, aparece contra nós e o futuro está em nós próprios. Pelo que, se agora, não quisermos lutar ali contra ele, é aqui que talvez sejamos forçados a fazê-lo. Se entendermos isso, reconheceremos o que é necessário e poremos de parte as palavras vãs. Pois não é necessário examinar o que um dia acontecerá, mas que é nocivo, se não sermos atenção aos actos e não quisermos fazer o que convém; disso podereis estar bem certos.

[51] Por mim, nunca, em qualquer circunstância, escolhi falar em vosso favor de algo que não esteja convencido de que vos é útil. Tudo aquilo que sei vos disse francamente, sem nada esquecer. Eu desejaria, como sei por ouvir dizer, que as coisas mais úteis para vós, da mesma maneira elas pudessem ser vistas também as mais úteis para o orador. Isso, pois, seria muito mais agradável.

Mas agora apesar da vossa dúvida do que me vai suceder pelas minhas palavras, contudo por ser para o vosso interesse, se o realizardes, prefiro falar para vos convencer disto. E vença o que for o mais vantajoso para todos!

Capítulo III

Segunda Filípica

III.1 Introdução e comentário

Estrutura⁸²

Proémio: § 1-5; transição 6 — Dificuldade em aconselhar depois da insolência de Filipe na violação do Tratado de Paz; os discursos e o acto da deliberação dos Atenienses já não sustentam as acções de Filipe. §6 *Captatio Beneuolentia*: ouvir as propostas de Demóstenes, mas seguir as que parecem melhores;

Narração: §7-36 — Dividida em três tópicos fundamentais:

Primeiro Tópico: §7-18; transição 19 — denúncia das actividades de Filipe: transgressão do tratado de paz, ganância no aumento constante de território; enaltecimento dos Atenienses que, ao contrário dos Tebanos, não vendem os Gregos por qualquer preço; §19 Introduce, em discurso directo, o discurso que Demóstenes apresentou perante os Messénios e Argivos;

⁸² Seguimos, em parte, a estrutura de Cecil Wooten (2008).

Segundo Tópico: §20-27; transição 28 — supõe-se ser parte do discurso que endereçou aos Messénios, aquando do circuito pelo Peloponeso em defesa de alianças com Atenas e não com Filipe. Relata casos precedentes, que tratam da disponibilidade e de promessas iniciais de Filipe, mas com traição posterior. §28 Transição: deliberação e votação do que apresentou. Novo assunto: convocar os intervenientes da conclusão da paz.

Terceiro Tópico: §29-36 — Embora votada a Paz, a verdade é que Demóstenes continua com suspeitas acerca da conduta de Filipe. E mesmo que Filipe se sinta ofendido com o ataque de palavras que lhe é dirigido, certo é que Demóstenes tem razão para tal, pois a sua actividade não faz prever o contrário.

Epílogo: §37 — Declara a justiça de punir Filipe, mas sem o prejuízo de todos os Gregos.

Data-se a Segunda Filípica de 344⁸³, 7 anos depois da Primeira. No seu conjunto, a Segunda Filípica é um discurso mais organizado, trabalhado formalmente e menos emotivo, cujo significado é interpretado como sendo um orador mais calmo e consciente, ao contrário daquilo que sucede na *Primeira Filípica*: temas explanados por mais do que uma vez, sem aparente método (pensamos na composição em anel), um orador mais agressivo para com a sua audiência, o que na prática levou ao abandono das políticas propostas.

Assim sendo, Demóstenes aproveita este discurso não tanto para criticar a inactividade dos cidadãos da Assembleia, mas para sublinhar a violência e transgressão de Filipe quanto ao Tratado de Paz assinado em 346; para enaltecer os Atenenses que, apesar de abrangidos pela Paz, farão guerra contra o Macedónio, se necessário, pela liberdade de outros povos; e para dar conta de exemplos da actividade regular de Filipe: persuadir os povos com promessas de territórios, alianças e protecção, para que, em seguida, se apodere deles e de todos os seus aliados.

Deste modo, ao inaugurar a *Segunda Filípica*, o primeiro ponto a que se refere Demóstenes é a violência de Filipe contra a paz (βιάζεται παρὰ τὴν εἰρήνην) e que os oradores, muitas vezes, denunciam a situação mas nada fazem de necessário. A questão principal não é a inércia dos cidadãos atenienses; é o facto de, apenas dois anos após a Paz de Filócrates, os discursos são já contra a impetuosidade e violação de Filipe, denunciando a precariedade da paz.

Demóstenes retoma levemente uma das ideias que figurava já na Primeira Filípica: a possibilidade do atraso das deliberações na assembleia

⁸³ O próprio discurso nos situa no tempo: o terceiro tema central da *Segunda Filípica* crê-se ser uma adaptação dos discursos que Demóstenes proferiu, aquando do circuito, em 344, pelo Peloponeso ao advogar alianças com Atenas, em detrimento das promessas de Filipe.

que abria caminho a uma guerra já não perto da costa macedónica, mas em plena Ática.

Pois o receio de propor qualquer nova medida que desagrade a audiência e consequentes atrasos nas deliberações são os principais obstáculos que impedem os Atenenses de fazer qualquer acção, isto é, persiste Demóstenes na dicotomia *logos/praxis*. De facto, continua o orador, cada um é melhor naquilo por que se esforça: os Atenenses nos discursos, Filipe nas acções. Supõe Demóstenes, irónico até, que os discursos que se fazem são os bastantes (*exarchei*) de modo que os Atenenses não sofram qualquer mal no agir: preferem, pois, ouvir as coisas mais fáceis e agradáveis (*τῶν ῥάστων καὶ τῶν ἡδίστων*), embora não sejam medidas de urgência efectivas, do que as melhores e mais seguras (*τὰ βέλτιστα καὶ τὰ σώσοντα*).

Segue-se, no parágrafo 6, uma primeira transição em que Demóstenes, em *captatio benevolentia*, convida a assembleia a reflectir no que vem de dizer, considerando Filipe de facto inimigo, e, a ouvir brevemente (*braxeon*)⁸⁴, as melhores previsões (*prooran*).

Introduz, desta forma, o primeiro tópico com tema sobre a violação efectiva do Tratado de Paz por Filipe: a interferência nas Termópilas e na Fócida, conquistas que mais não foram que desejo contínuo por domínio, submissão e superioridade (*pleonexia*), sem ter em conta a paz (*eirene*), quietude (*esuchia*) e justiça (*dikaios*), pelas quais assinou apenas dois anos antes.

É neste ponto que o enaltecimento dos Atenenses assume maior expressão: Demóstenes consagra 5 parágrafos a comparar a moralidade ateniense, que não é vendida por qualquer preço, por qualquer lucro, nem por qualquer vida de qualquer grego, com o contrário, as intenções de Filipe,

⁸⁴ Na verdade, a *Segunda Filípica* é a mais pequenas dos quatro discursos contra Filipe, apenas com 37 parágrafos.

ou até dos Tebanos e dos Argivos. É uma descrição muito viva do carácter nacional Ateniense: da sua coragem, por enfrentar Filipe em defesa dos gregos em geral, e, conseqüentemente, da sua justiça, pois em caso algum sacrificariam qualquer vida por interesses particulares. E estes actos dos Atenienses foram tão gloriosos no passado, recordamo-nos das Guerra Medo-Persas, que embora todos o desejem, ninguém os narra de forma digna. Por seu turno, não se poderá dizer o mesmo dos Tebanos e dos Argivos, cujas figuras saem bastante denegridas deste discurso. Demóstenes caracteriza, principalmente, os Tebanos de ingénuos, pois também eles são um dos povos que acreditam nas promessas de Filipe: em troca de benefícios, os Tebanos permitem que Filipe actue como quer. E quando se trata de lutar por um bem maior "os antepassados dos Tebanos e dos Argivos, pelo contrário, ou lutaram pelos bárbaros ou não se lhes opuseram" (τοὺς δὲ Θηβαίων καὶ Ἀργείων προγόνους τοὺς μὲν συστρατεύσαντας τῷ βαρβάρῳ, τοὺς δ' οὐκ ἐναντιωθέντας). Posto isto, Filipe prefere, deste modo, criar laços com este tipo de povos do que criar alianças com povos que são justos, glorifica mais uma vez Demóstenes. Neste caso, inclusive, Demóstenes reduz os Atenienses a vítimas da ganância de Filipe. Pois se as alianças de hoje são um pretexto para benefícios futuros, tudo mais não é do que um plano contra a cidade de Atenas (πάνθ' ἃ πραγματεύεται κατὰ τῆς πόλεως συντάττων). Isto é, Filipe assume uma atitude controladora: as alianças com os Tebanos permitem-lhe manter Atenas sob controlo, de forma que esta última não se alie com os Tebanos, tornando a conquista mais difícil para Filipe. Deste modo, ambas as partes, Atenas e Filipe, sabem da sua estratégia e conspiração, mas Demóstenes sugere um estado de nervosismo de Filipe, por saber que os Atenienses têm possibilidade de o "capturar tendo oportunidade, a não ser que se antecipe actuando ele primeiro" (ἂν καιρὸν λάβητε, ἂν μὴ φθάσῃ ποιήσας πρότερος). Daí a sua vigilância (*egregoren*) e atenção (*ephesteken*) para com os povos que

"entendem de forma moderada" (σωφρονοῦσί γε καὶ μετρίως) as suas intenções, pois poderão eles mesmos revoltarem-se e associarem-se a Atenas.

É desta forma que Demóstenes introduz o segundo tema, pondo em discurso directo parte do texto que proclamou aos Messénios e Argivos, durante o circuito pelo Peloponeso em 344.

Primeiro, e creio que bastante elucidativo, Demóstenes refere, como exemplo à sua segunda audiência virtual, a queda de Olinto, em 348, por terem acreditado, mais uma vez, nas promessas de Filipe. Todo o parágrafo 20 é construído sob interrogações retóricas, paradoxalmente baseadas em exemplos racionais que forcem o lado mais emotivo da audiência (*erotemata*), pois estes não são iguais aos Atenienses, sensatos, mas apenas "entendem de forma moderada".

" Ora com que desagrado, Messénios" – perguntei eu – "pensais terem os Olínticos escutado, se alguém dissesse algo contra Filipe naqueles tempos em que ele lhes cedia Antemunte, cidade que todos os anteriores reis da Macedónia reivindicavam? Quando lhes dava Potideia, após expulsar os colonos Atenienses, e ganhou assim a nossa inimizade enquanto lhes entregava aquela terra para usufruto? Acaso julgais que suportariam tais suspeitas ou acreditariam em quem o dissesse?"⁸⁵

Depois, é um texto bastante rico que pinta um quadro negro de alianças com Filipe, de povos que foram despojados (στέρονται) da sua própria terra, vergonhosamente expulsos (αἰσχρῶς ἐκπεσόντες), dominados (κρατηθέντες), traídos (προδοθέντες) e vendidos (πραθέντες). O que está em

⁸⁵ Dem., *Fil.* II, 20.

causa é a confiança cega nas promessas de Filipe que os dirige para um único fim: a escravidão.

Outro exemplo que dá é a situação da Tessália, citando territórios concretos, prometidos por Filipe: Niceia e Magnésia. Em jeito de *sententia*, Demóstenes afirma que "não são seguras para as constituições essas estreitas relações com os tiranos" (οὐ γὰρ ἀσφαλεῖς ταῖς πολιτείαις αἱ πρὸς τοὺς τυράννους αὐταὶ λίαν ὀμιλῖαι) e não há qualquer intenção, por parte do Macedónio de instituir uma decarquia, um regime constituído por um corpo de 10 pessoas, como os Tessálios tinham. De facto, sabemos que a Tessália pede ajuda a Filipe para combater com ela na Terceira Guerra Sagrada, contra o exército fócio dirigido por Onomarco. Na batalha da Planície de Crocus, infligiu uma pesada derrota aos Fócios, que lhe terá dado, se não antes, o lugar de arconte da Tessália e o controlo permanente de qualquer assunto relacionado com a sua política externa, preponderante para lidar com Atenas.

Deste modo, Demóstenes representa Filipe com duas facetas: o que oferece e promete (διδόντα μὲν καὶ ὑπισχνούμενον) e o que engana e ludibria (ἐξηπατηκότα δ' ἤδη καὶ παρακεκρουμένον). Todavia, a única ferramenta de que dispõem as pessoas sensatas é a desconfiança (*apistia*). Em frases simples, imperativas, ritmadas e, depois, uma condicional, Demóstenes oferece-lhes a solução contra Filipe: "Guardai-a. Preservai-a. Se a conservardes, não sofrereis nada de nocivo." (ταύτην φυλάττετε, ταύτης ἀντέχεσθε· ἂν ταύτην σώζητε, οὐδὲν μὴ δεινὸν πάθητε).

Estes são, então, os conselhos para quem procura a liberdade (*eleutheria*). A resposta carrega em si complexidades inerentes à política externa de cada uma das cidades que Demóstenes visita pelo Peloponeso em 344. Cooperar numa aliança, participar num tratado de paz não resulta apenas da vontade de cada um, mas de uma série de condicionantes.

Questões como: obtivemos ajuda quando necessitámos?, os benefícios de paz/aliança foram favoráveis?, e sobretudo, estivemos já em guerra com algum povo que participa também agora neste tratado?, são cláusulas importantes a constar do Tratado de Paz.

No parágrafo 25, Demóstenes afirma, de novo, a incompatibilidade entre a tirania e a liberdade, numa outra *sententia*, "Na verdade, o rei e todo o tirano é inimigo da liberdade e contrário às leis." (βασιλεὺς γὰρ καὶ τύραννος ἅπας ἐχθρὸς ἐλευθερίᾳ καὶ νόμοις ἐναντίος.).

Terminam, assim, os seis parágrafos de discurso directo. Demóstenes dirige-se, agora, à sua audiência ateniense, relatando-lhes as reacções dos Messénios depois de ouvirem as suas palavras. O parágrafo chama, novamente, à atenção dos de mediana inteligência, pois ainda que escutassem (*akousantes*) e aplaudissem (*thorubountes*) os discursos, não só de Demóstenes como de outros oradores, a verdade é que não mais se afastaram da amizade de Filipe (οὐδὲν μᾶλλον ἀποσχίσονται τῆς Φιλίππου φιλίας). Podemos concluir, então, que independentemente dos argumentos lógicos que os oradores apresentassem, a emotividade subjacente ao discurso, neste caso de Demóstenes, não os persuadiu a actuar de outro modo, o de Atenas, pois supomos que achavam mais proveitoso aquilo que Filipe lhes prometia.

O último conselho deste segundo tópico do discurso de Demóstenes dirige-se de igual modo aos Atenienses, pois estes não deverão fazer o mesmo que os outros que aceitam Filipe, isto é, cair nas suas armadilhas. Pois como Demóstenes novamente sublinha, os Atenienses também têm capacidade de entender (ὕμεῖς οἱ καὶ συνιέντες) e não deveriam estar rodeados de "tramóias" (περιστοιχίζεσθε) nem tão pouco suportá-las (*upomeinantes*). No entanto, denuncia mais uma vez o orador, "o prazer do imediato e a facilidade têm mais crédito do que quanto possa acontecer no futuro" (οὕτως

ἢ παραυτίχ' ἡδονῇ καὶ ῥαστώνῃ μείζον ἰσχύει τοῦ ποθ' ὕστερον συνοίσειν μέλλοντος).

A primeira parte do parágrafo 28 conclui o segundo tópico deste discurso. Cecil Wooten⁸⁶, acaba por concluir também que "unless the Athenians want to act as foolishly as Messenians and other Peloponnesians, they will have to deliberate about what exactly must be done to oppose Philip (although this cannot be done in the presence of foreign ambassadors, possibly even those from Philip who had come to protest the Athenian embassies to the Peloponnesus)." É então por esta razão, isto é, o momento oportuno da deliberação deverá ser adiado, que em algumas edições a dividir o parágrafo 28 em duas partes encontramos ΑΠΟΚΡΙΣΙΣ⁸⁷. Continua Wooten, "The second sentence (4–5) introduces a draft of a reply to the ambassadors of Philip and possibly also to those from Messene and Argos, who had come to Athens to protest Athenian support of Sparta. Although some have argued that the draft of this reply would have been read at the end of the speech, it seems much more probable that it was read now, and some editors, consequently, have inserted here, although without manuscript authority, ΑΠΟΚΡΙΣΙΣ".

Na segunda parte deste parágrafo transicional, Demóstenes, rapidamente, aconselha a convocação daqueles que trabalharam na realização da paz. Recordamos que ele mesmo participou nas embaixadas a Filipe que desenvolveram os termos de paz e os fizeram jurar, logo, poderíamos pensar que Demóstenes assumiria alguma culpa. Pode supor-se

⁸⁶ Cecil Wooten (2008).

⁸⁷ A edição Teubneriana que seguimos não a apresenta, embora lhe faça menção no aparato crítico. A da Oxford inclui a palavra no corpo do texto. As Belles Lettres não fazem qualquer referência. A edição de Henri Weil adianta uma nota acerca do assunto. E, por fim, a Loeb faz um sinal gráfico com uma linha de espaço entre o texto.

essa interpretação, mas o que é mais provável é o facto de o orador querer processar Ésquines.

Assim sendo, Demóstenes, aludindo ao tema de abertura do discurso, em composição em anel, recorda os acontecimentos após a segunda embaixada: Filipe chega às Termópilas, está mais perto de perseguir a Fócida e, por isso, os Atenienses estão já de sobressalto.

Os dois parágrafos que se seguem são bastante longos, construídos sob um único hipérbato. Rapidamente, Demóstenes afirma que, em tais condições, ou seja, na imediata violação da paz, principalmente tendo em conta os contornos que ela assumiu, não participaria em tais embaixadas (*presbeuein*), nem os Atenienses teriam coragem de não deixar de lutar contra Filipe. Repentinamente mudando de assunto, Demóstenes volta a indicar a convocação dos que serviram na embaixada com ele, referindo-se a tais com desprezo, principalmente atacando Ésquines. Começa, então, aqui o hipérbato, com 29 palavras intercaladas que relatam acontecimentos históricos da segunda embaixada, que estava incumbida dos juramentos (*τῆς ἐπὶ τοῦς ὄρκους*), e depois da qual Demóstenes denuncia Filipe pela violação contra as Termópilas e a Fócida.

A frase principal é uma caracterização negativa de Demóstenes, cujos insultos o orador não deixa de os referir: criticam-no por ser um bebedor de água (*udor pinon*), logo, de mau carácter (*dustropos*), e um díscolo (*duskolos*), isto é, um desordeiro, um insubordinado. De facto, Pickard-Cambridge⁸⁸ defende o relato de Ésquines ao confirmar que Demóstenes teria sido impossível durante as viagens da embaixada. Mas todos estes atributos são relativizados quando Demóstenes, segundo Wooten⁸⁹, "tried to forestall the

⁸⁸ Pickard-Cambridge (1979), p. 241.

⁸⁹ Ibidem, p. 135

attempts of pro-Macedonian politicians to deceive the people": Filipe não mais se aliaria aos Tebanos, abriria um canal pelo Quersoneso⁹⁰ e dar-lhes-ia Eubeia e Oropos em troca de Anfípolis.

A razão de nova acusação fundamenta-se pela durabilidade do tratado, pois os Atenienses votaram-na também para os seus descendentes (τοῖς ἐκγόνοις), e em dois anos desgastou-se, chegando a tal ponto.

É, deste modo, que Demóstenes prevê que um confronto com Filipe "está já muito perto" (λίαν ἐγγύς ἢ τοῦτ' ἤδη)⁹¹, discorrendo, depois, sobre o que haverão os Atenienses de lamentar, se se confirmarem correctas as suas previsões, sobre a negligência presente, quando não mais puderem suportar a força dos acontecimentos: ficarão, então, irritados (*orgilous*) e agressivos (*tracheis*).

No parágrafo 34, Demóstenes volta a apelar à urgência de se quebrar o silêncio dos embaixadores sobre as negociações, sobretudo àqueles que sabem mais do que dizem, por qualquer espécie de suborno (δεδωροδοκηκότες). E numa tentativa de relativizar a sua participação nas embaixadas, Demóstenes afirma o seu receio por acessos de cólera, por parte dos Atenienses, naqueles que tentem reparar, ou seja, ele próprio, o que os outros destruíram, isto é, Ésquines e Filócrates ao ter proposto e concordado com a medida que deixaria a Fócida fora do Tratado de Paz com Filipe. E em *sententia* termina: "Pois vejo que, muitas vezes, algumas pessoas canalizam a sua cólera não para os responsáveis, mas sobretudo sobre quem está à mão." (ὁρῶ γὰρ ὡς τὰ πόλλ' ἐνίους οὐκ εἰς τοὺς αἰτίους, ἀλλ' εἰς τοὺς ὑπὸ χεῖρα μάλιστα τὴν ὀργὴν ἀφιέντας).

⁹⁰ Os Atenienses estariam preocupados com o futuro da região, pois era fértil em trigo e ponto de passagem para barcos de Oriente.

⁹¹ De facto, em pouco mais de 4 anos, em 340 Atenas declarará guerra a Filipe.

Os dois parágrafos seguintes, 35 e 36, são uma espécie de resumo, não só deste terceiro tema, mas que evidenciam também o que se passaria em Atenas nos dois anos após o tratado: enquanto Filipe se apodera das Termópilas e da Fócida, traçando um caminho directo para a Ática e o Peloponeso, os Atenienses demoram-se em Assembleias sobre política interna e a guerra na Ática, quando deveriam discutir questões de justiça, relacionadas com as recentes violações, e questões de política externa, sobre a melhor forma de lidar com Filipe. O parágrafo 36 é uma confirmação do anterior, pela negativa. Se os Atenienses não tivessem sido ludibriados por Filipe, nunca este teria chegado à Ática, atravessando as Termópilas e a Fócida. E se os Atenienses tivessem agido, então, em conformidade, ou manter-se-ia calmo, pela paz, ou estaria envolvido numa guerra pela qual, antes teria desejado paz (ἀλλ' ἢ τὰ δίκαι' ἂν ἐποίει καὶ τὴν εἰρήνην ἄγων ἡσυχίαν εἶχεν, ἢ παραχρῆμ' ἂν ἦν ἐν ὁμοίῳ πολέμῳ δι' ὃν τότε τῆς εἰρήνης ἐπεθύμησεν).

O epílogo, concentrado no último parágrafo (37) é bastante curto, com três orações que correspondem às três partes principais do discurso, em que Demóstenes apresenta a sua tese, por ordem inversa, isto é, do mais recente para o mais antigo. Primeiro, este é um bom texto para recordar os Atenienses dos acontecimentos recentes, isto é, dos últimos dois anos. Segundo, Demóstenes pede aos deuses que não se sucedam os acontecimentos que prevê: que os Atenienses se deixarão enganar por Filipe, levando, conseqüentemente a um conflito armado. Por fim, ainda que fosse justo punir o Macedónio, os Atenienses são conscientes ao ponto de não o fazer por prejuízo de todos os Gregos.

III.2 Tradução da *Segunda Filípica*

Resumo de Libânio

[1] Neste discurso, o orador recomenda aos Atenienses que suspeitem das intenções hostis de Filipe e que não confiem muito na paz, antes que se insurjam, dêem atenção às suas acções e que se preparem para a guerra. Acusa Filipe de conspirar contra os Atenienses e todos os Helenos e refere que as suas acções o testemunham. Ele promete também que dará resposta a certas embaixadas que chegam, às quais os Atenienses não sabem que lhes responder.

[2] De onde eles chegam e sobre que assuntos vêm discutir não é revelado no discurso, mas é possível depreender do conteúdo das Filípicas. Ora, pela mesma altura, Filipe envia embaixadores aos Atenienses, acusando-os de o caluniarem sem razão entre os Helenos: que lhes prometera muitas e grandes coisas, mas mentira. De facto, ele nada prometeu, dizem eles, nem mentiu, e acerca das acusações reclama provas. Ao mesmo tempo que Filipe, também os Argivos e os Messénios enviaram embaixadores a Atenas, censurando, também eles, o povo que de ser favorável aos Lacedemónios e de os ajudar a escravizar o Peloponeso, enquanto se opunham a eles que lutavam pela liberdade.

[3] Não sabiam então os Atenienses que respostas dar Filipe e às cidades: às cidades, por serem favoráveis aos Lacedemónios; aos Argivos e Messénios por detestarem da aliança suspeita com Filipe; e não era possível declarar que os Lacedemónios faziam coisas justas. Quanto a Filipe, os Atenienses enganaram-se por completo no que esperavam, mas não enganados por ele próprio, ao que parece. De modo algum, nas suas cartas, Filipe escreveu qualquer oferta, nem, através dos embaixadores particulares, fez qualquer

promessa; eram certos Atenienses que incutiam a esperança no povo: que Filipe salvaria a Fócida e destruiria a arrogância dos Tebanos.

[4] Por isso, Demóstenes recorda as respostas a dar e promete dá-las, mas diz ser justo que os causadores do embaraço, a esses também se deviam exigir respostas, os que enganaram o povo, diz, e abriram as Termópilas a Filipe. E estas palavras referem-se a Ésquines, preparando, contra ele, segundo dizem, a acusação da falsa embaixada, que mais tarde instaurou, denegrindo-o já diante dos Atenienses.

[1] Atenienses, quando tratam do que Filipe executou e da violência que usou contra a Paz, sempre noto que os nossos discursos se mostram justos e humanos e todos pareceis dizer sempre o que é necessário, ao acusar Filipe; mas nada do que é necessário se realiza, como reza o ditado⁹², nada do que vale a pena ouvir.

[2] Pelo contrário, acontece que os assuntos na cidade já chegaram a tal ponto que, quanto mais e abertamente se condena Filipe de transgredir a paz contra vós e de conspirar, tanto mais difícil se torna aconselhar o que é necessário fazer.

[3] A razão disso, Atenienses, é a seguinte: quem deseja ser superior deve prevenir-se com trabalho e ações, não com discursos; em vez disso, nós que presenciamos estas coisas, evitamos, em primeiro lugar, apresentar propostas ou aconselhar, com receio da vossa animosidade, antes relatamos estas coisas

⁹² Traduzimos o grego ὡς ἔπος εἰπεῖν.

que Filipe fez, como são terríveis⁹³. Depois vós, aí sentados, quando se trata de proferir discursos justos e de compreender o que outra pessoa diz, estais mais bem preparados do que Filipe; mas impedir o que agora realiza, permaneceis completamente inactivos.

[4] Resulta, no entanto, que o assunto é inevitável, penso, e igualmente razoável. Naquilo em que cada um dos dois consome o tempo e por aquilo que se esforça, isso correrá melhor a cada um: a Filipe as acções, a vós os discursos. Pois bem, se também agora vos é suficiente falar das coisas mais justas, torna-se fácil e não causa qualquer sofrimento no agir.

[5] Se é necessário observar como corrigir a situação actual e não esquecer que tudo para nós pode avançar ainda mais e não se estabelecer uma magnitude de força contra a qual não será possível resistir, não convém a própria maneira de deliberar que antes tínhamos, mas todos nós quer os que discursamos, quer os que ouvimos, devemos escolher as coisas melhores e mais seguras em vez das mais fáceis e mais agradáveis.

[6] Em primeiro lugar, Atenienses, se alguém continua confiante ao ver a grandeza de Filipe e de quantas coisas é já senhor, e não reflecte no perigo que isso traz à cidade nem em tudo aquilo que contra vós se prepara, eu fico admirado, e quero solicitar-vos a todos vós em conjunto que ouçais brevemente as minhas razões, que me levam a prever o contrário e pelas quais considero Filipe um inimigo. Enfim, se vos parecer que eu, de facto, tenho as melhores previsões, obedeci-me, mas se são os que nele confiam e os que nele acreditam, segui-os a eles.

⁹³ Outras edições apresentam δεινὰ καὶ χαλεπά, mas seguimos a edição da Teubner que tem apenas δεινά.

[7] Por minha parte, Atenienses, considero o seguinte: do que é que Filipe, em primeiro lugar, se assenhoreou depois da paz? Das Termópilas⁹⁴ e das questões na Fócida⁹⁵. E porquê? Como fez uso delas? São as coisas que beneficiam os Tebanos e não as que interessam à nossa cidade que preferiu realizar. E porquê afinal? Por superioridade, penso eu, e fazendo cálculos para tudo submeter ao seu domínio, sem nada fazer pela paz, pela quietude e pela justiça.

[8] Ele sabe perfeitamente que para a nossa cidade e para o nosso carácter, nada significaria e representaria tanto, que por esse motivo, persuadidos, vós lhe abandonásseis qualquer dos gregos por causa de vantagens privadas. Pelo contrário, prestando atenção à justiça e evitando a presente má reputação com tal acção, e prevendo ainda tudo o que acontece, de igual modo enfrentá-lo-íeis, se ele tentasse agir dessa maneira, como se estivésseis em guerra com ele.

[9] Quanto aos Tebanos, ele acreditou (como aconteceu) que em troca de coisas que lhes são realizadas, eles permitirão que, no resto, ele próprio actue como quer: não como quem se opõe e impede, mas antes como quem junta forças, se ele lhes ordenar. Ainda agora, aos Messénios e aos Argivos trata-os bem, com iguais propósitos. E este é o maior louvor para vós, Atenienses.

[10] Sois, na verdade, julgados por estes mesmo actos: os únicos entre todos a não sacrificar os direitos comuns dos grego por qualquer lucro, nem trocar, por nenhum favor ou ajuda, a benevolência aos Helenos. E, conhecedor disso e acerca de vós, assim ele vos trata de diferente modo dos Argivos e dos

⁹⁴ Só depois que a segunda embaixada chegou a Atenas, a responsável pela ratificação da Paz de Filócrates e pelos juramentos, é que os Atenienses souberam que Filipe entretanto tinha chegado às Termópilas.

⁹⁵ A Fócida fora deixada de parte da Paz, para que Filipe, pois era essa a sua vontade, pudesse capturá-la sem incorrer no seu rompimento imediato.

Tebanos, pois não olha apenas para o presente mas reflecte também nas coisas do passado.

[11] Ele descobre, penso eu, e também ouve dizer que os vossos antepassados, quando lhes era possível governar os outros Gregos, com a condição de eles próprios obedecerem ao Rei, não só não acolheram a proposta que lhes vinha trazer Alexandre, um antepassado seu, juntamente com um mensageiro; antes, preferiram deixar a sua terra e submeter-se a esse sofrimento. E depois disso, praticaram tais feitos que todos sempre desejaram narrar, mas ninguém foi capaz de os dizer de uma forma digna. Por isso, eu próprio os omitirei com razão (é que são maiores as acções deles do que as palavras que alguém poderia dizer). Os antepassados dos Tebanos e dos Argivos, pelo contrário, ou lutaram pelos bárbaros ou não se lhes opuseram.

[12] Ele sabe, assim, que ambos preferem obter lucros particulares, e não ter em conta o que contribuirá para o bem comum dos Gregos. Pensou, então, que se vos escolhesse a vós, colheria amigos por meio de actos justos, mas se privilegiar aqueles, terá cúmplices da sua ambição. Por isso, em vez de vós, tanto antes como agora, escolhe-os a eles. Na verdade, não os vê com mais trirremes do que vós; nem encontrou qualquer domínio no continente e renunciou ao mar e aos locais de comércio; nem se esqueceu das palavras e das promessas com que obteve a paz.

[13] "Mas, por Zeus", diria alguém como conhecedor de todas estas coisas: "não foi por ambição nem pelos motivos de que antes o acusei que ele praticou tais actos, mas porque as coisas que os Tebanos lhe apresentam são mais justas e mais dignas do que vós. Mas este é também o único de todos os argumentos que não lhe é possível dizer agora. Pois quem ordenou aos Lacedemónios que abandonassem a Messénia, como ao entregar, neste

momento, Orcómeno e Queroneia aos Tebanos, como pode pretextar tê-lo feito como um acto de justiça?

[14] Mas, por Zeus, foi obrigado (este é, na verdade, o argumento que resta), e apanhado entre cavaleiros da Tessália e hoplitas Tebanos, que, contra a sua vontade, transigiu. Bem. Diz-se, por isso, que ele se aproximará dos Tebanos com suspeita, e alguns até andam por aí a dizer que fortificará Elateia.

[15] Ora ele apresta-se a fazer isso e fa-lo-á, como julgo. No entanto, não se apresta a ajudar os Messénios e os Argivos contra os Lacedemónios, mas envia mercenários e expede mantimentos; é mesmo esperado em pessoa com um grande exército. Por certo, aniquila os que são inimigos dos Tebanos, os Lacedemónios, e os que antes destruiu, os Fócios, salva-os agora!

[16] E quem acredita nisso? Por minha parte, não penso que Filipe, se não agiu primeiro, forçado ou involuntariamente, nem se agora desistiu dos Tebanos, hostilize constantemente inimigos deles. Mas tendo em conta o que agora faz, é notório que ele realizou aquelas coisas de livre vontade, e de todas elas, se alguém as observa com atenção, tudo o que executa, planeia-o contra a nossa cidade.

[17] E é por uma espécie de necessidade que isto lhe acontece agora. Reflecti pois: quer governar e percebeu que apenas sois seu oponente. É injusto convosco, já há muito tempo, e isso é o que ele próprio entende ser o melhor para ele. Pois, com as coisas que são vossas e ele possui é que ele detém tudo o resto em segurança. De facto, se renunciou a Anfípolis e Potideia, foi por não acreditar que estava em segurança na sua própria terra.

[18] Ele tem consciência de duas coisas: que ele conspira contra vós e de que vós vos apercebeis. E como vos toma por pessoas sensatas, com razão considera que vós o odiais, e está irritado, por imaginar o que lhe aconteceria

se vós o capturásseis tendo oportunidade, a não ser que se antecipe actuando ele primeiro.

[19] Por isso, está vigilante, está atento, contra a nossa cidade serve alguns dos Tebanos e os do Peloponeso que desejam as mesmas coisas, os quais, por ganância, se satisfarão com a situação presente, pensa ele, e que, por uma espécie de inabilidade, nada prevêem do que se seguirá. No entanto, mesmo aos que têm inteligência também é possível entender, de forma moderada, os exemplos que me pareceu apresentar perante os Messénios e os Argivos, e que talvez seja melhor dá-los a conhecer também a vós.

[20] "Ora com que desagrado, Messénios" – perguntei eu – "pensais terem os Olínticos escutado, se alguém dissesse algo contra Filipe naqueles tempos em que ele lhes cedia Antemunte, cidade que todos os anteriores reis da Macedónia reivindicavam? Quando lhes dava Potideia, após expulsar os colonos Atenienses, e ganhou assim a nossa inimizade enquanto lhes entregava aquela terra para usufruto? Acaso julgais que suportariam tais suspeitas ou acreditariam em quem o dissesse?"

[21] "Mas ao mesmo tempo – acrescentava – depois de terem usufruído pouco tempo a terra alheia, muito tempo se encontram despojados da sua própria por esse individuo, vergonhosamente expulsos, não apenas dominados, mas também traídos uns pelos outros e vendidos. Pois não são seguras para as repúblicas essas estreitas relações com os tiranos."

[22] "Que dizer dos Tessálios?" – perguntava eu. "Julgais que quando Filipe lhes expulsar os tiranos e de novo lhes der Niceia e Magnésia, esperam que haverá a decadarquia⁹⁶ estabelecida entre eles agora como hoje? Ou que quem devolveu as Termópilas se apoderaria das suas receitas particulares?"

⁹⁶ Governo de 10 pessoas instaurado na Tessália.

De maneira nenhuma. Mas, de facto, isso aconteceu e todos têm conhecimento."

[23] "E vós – referia-lhes eu – contemplais o Filipe que dá e promete, mas rogai antes, se fordes sensatos, para que não tenhais o que engana e ludibria. Há, por Zeus – continuava eu – toda a espécie de descobertas nas cidades para sua guarda e protecção, tal como paliçadas, muralhas, trincheiras e outras coisas que tais."

[24] "E todas essas defesas são feitas à mão e exigem meios. E uma coisa comum adquire em si a natureza das pessoas sensatas, uma salvaguarda que, para todos, é boa e mais segura, sobretudo nas democracias contra os tiranos. O que é, afinal? A desconfiança. Guardai-a, preservai-a. Se a conservardes, não sofrereis nada de nocivo."

[25] "Que procurais?" Perguntava eu. "A liberdade. Então não vedes que Filipe tem títulos que estão em contradição com ela? Na verdade, o rei e todo o tirano é inimigo da liberdade e contrário às leis. Não vos precavereis – dizia eu – para que, desejando evitar a guerra, não encontreis um déspota?"

[26] E eles, embora escutassem estas palavras e aplaudissem como coisas ditas com razão, bem como muitos outros discursos dos embaixadores – quer na minha presença, quer de novo mais tarde, como me parece –, não mais se afastarão da amizade de Filipe nem do que ele lhes promete. E isso não é estranho, se os Messénios e alguns Peloponésios, contra o que pela razão observam ser melhor, de outro modo actuam.

[27] Vós, porém, que tendes também capacidade de entender e que escutais as nossas palavras quando dizemos que sois alvo de conspiração, que estais rodeados de tramóias, a ponto de nada já se fazer do que dizeis, segundo me

parece, vós suportais tudo. De tal modo, o prazer do imediato e a facilidade têm mais crédito do que quanto possa acontecer no futuro.

[28] Todavia, acerca daquilo que vós deveis fazer, deliberareis mais tarde entre vós, se sois sensatos. Mas agora o que deveis decidir fazer, se o quiserdes votar, dir-vos-ei de seguida. Era, na verdade, acertado, Atenienses, convocar os que vos trouxeram as promessas com as quais fostes persuadidos a concluir a paz.

[29] É que nem eu consentiria servir na embaixada, nem vós, sei bem, cessaríeis de combater, se suspeitásseis que Filipe, concluída a paz, agiria desta forma. São, de facto, actos que se afastam muito dos que antes prometia. E ainda outros deveis convocar. Quem? As pessoas⁹⁷ que – quando eu, já celebrada a paz, ao regressar da segunda embaixada, incumbida dos juramentos, e ao aperceber-me de que a cidade estava a ser enganada, o denunciei, apresentei público protesto e não deixei que se entregasse as Termópilas nem a Fócida –

[30] [as pessoas que] dizem que eu sou bebedor de água e, portanto, de mau carácter, que sou um díscolo, enquanto Filipe se transpusesse o desfiladeiro, faria aquilo que pedísseis: fortificaria Téspias e Plateias, calaria a insolência dos Tebanos, abriria a expensas próprias um canal através do Quersoneso, devolver-nos-ia Eubeia e Oropos em troca de Anfípolis. Ora, todas estas coisas foram ditas daqui desta tribuna, sei que vos recordais, embora não sejais famosos a lembrar-vos dos que, contra vós, cometem injustiça.

[31] E mais infame de tudo, levados pela esperança, também para os vossos descendentes, votastes que a paz seria válida. Tão completa era a entrega. Por que razão digo isto agora e sustento que é necessário chamar esses

⁹⁷ Demóstenes refere-se a Ésquines e Filócrates.

indivíduos? Eu vou, pelos deuses, dizer-vos a verdade com franqueza, sem nada vos ocultar.

[32] Não é para cair em injúria que vou fazer um discurso de semelhante teor entre vós, que comigo disputais desde o início, e oferecer agora um pretexto para de novo receberem algo de Filipe; não é também falar sem razão. Antes por pensar que um dia vós lamentareis o que Filipe vos faz mais do que agora.

[33] É que eu vejo a empresa avançar e, de maneira nenhuma, desejaria que as minhas conjecturas fossem correctas; temo, porém, que tal já esteja muito perto. De facto, quando não mais vos for possível negligenciar a força dos acontecimentos, não ouvireis de mim ou de qualquer outro que as coisas estão contra vós, mas vós próprios o observais todos e o sabeis perfeitamente; e penso que, então, ficareis irritados e agressivos.

[34] Receio pois que – mantendo os embaixadores o silêncio acerca do que eles próprios sabem, por suborno – quem tente (àqueles que tentarem) reparar o que eles destruíram venha a cair na vossa cólera. Pois vejo que, muitas vezes, algumas pessoas canalizam a sua cólera não para os responsáveis, mas sobretudo sobre quem está à mão.

[35] Ora, enquanto os acontecimentos ainda demoram e se formam e enquanto ainda nos escutamos uns aos outros, quero recordar a cada um de vós, embora ele o saiba perfeitamente quem vos persuadiu a abandonar a Fócida e as Termópilas, das quais ele se apoderou, tornando-se senhor de um caminho para a Ática e também para o Peloponeso; e, assim, fez com que vós tomásseis deliberações não acerca da justiça nem sobre relações exteriores, mas sobre os assuntos na nossa região e sobre a guerra na Ática, que causará dor a cada um quando chegar, mas que nasceu nesse dia.

[36] É que se vós não tivésseis sido antes enganados, a nossa cidade não estaria com problemas. Na verdade, nunca Filipe, alguma vez, teria chegado à Ática com um exército quer sobrepondo-se com barcos, quer por via terrestre, atravessando as Termópilas e a Fócida; pelo contrário, ou agiria de forma justa e, observando a paz, manter-se-ia quieto, ou de imediato estaria numa guerra semelhante àquela pela qual antes desejou a paz.

[37] As coisas ditas são por agora suficientes para vos despertar a memória. E quanto ao que examinámos com muita exactidão, em nome de todos deuses peço, que não aconteçam. Pois eu não quereria, ainda que fosse justo puni-lo, aplicar castigo a alguém com perigo e prejuízo de todos.

Bibliografia

Edições e comentários:

BUTCHER, S. H., *Demosthenis Orationes*, Tomus I, Oxford Classical Texts, 1961

CROISSET, M., *Démosthène Harangues*, Tome I, II, Paris, Belles Lettres, 1959

FUHR, C., *Demosthenis Orationes*, vol. I, pars I, Leipzig, Bibliotheca Teubneriana, 1994

TARBEL, Frank, *The Philippics of Demosthenes*, University of Chicago, 1880

TYLER, W. S., *The Philippics of Demosthenes*, Boston and Chicago, Allyn and Bacon, 1875

VINCE, J. H., *Demosthenes Orations vol. I*, Loeb Classical Library, Harvard University Press, 2004

WEIL, Henri, *Les Plaidoyers Politiques de Demosthène*, 3 vol., Paris, Hachette, 1886

WOODS, Samuel, *The first three Philippics of Demosthenes, with notes, critical, explanatory and historical*, Toronto, Rollo and Adam, 1866

Monografias:

ADCOCK, F., Mosley, D., *Diplomacy in ancient Greece*, London, Thames and Hudson, 1975

BOUCHET, C., Carlier, P., *Démosthène, Philippiques, Sur la couronne, Eschine, Contre Ctésiphon*, Paris, GF Flammarion, 2000

BRUN, Patrice, *Eisphora – Syntaxis: stratiotika: recherches sur les finances militaires d' Athènes au Ie siècle avant J.-C.*, Paris, Belles Lettres, 1983

BUCKLER, John, *Philip II and the Sacred War*, Supplements to Mnemosyne, Brill, Leiden, 1989

CANCIK, H., SCHNEIDER, H., *Brill's New Pauly*, Encyclopaedia of the Ancient World, s. v. Demosthenes, English Edition, vol. 4, Cyr-Epy, Leiden – Boston, 2004

CAREY, Chris, *Aeschines*, Volume 3, Austin, University of Texas Press, 2000

CARLIER, Pierre, *Démosthène*, Fayard, France, 1990

FERREIRA, J. R., *Hélade e Helenos*, Coimbra, CECH, INIC, 1992

FIGUEIREDO, Cândido, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996

LESKY, Albin, *História da Literatura Grega*, trad. de Manuel Losa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995

LEWIS, D. M., Boardman J., Hornblower S., Ostwald M., *The Cambridge Ancient History: The Fourth Century*, Volume VI, Cambridge University Press, 1994

MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, 1967

MUÑOZ, Felipe G. Hernández, *Demóstenes, Discursos ante la Asamblea*, Madrid, Akal/Clásica, 2008

OBER, Josiah, *Mass and elite in democratic Athens: rhetoric, ideology, and the power of the people*, Princeton University Press, 1989

PICKARD-CAMBRIDGE, A. W., *Demosthenes and the last days of Greek Freedom 384-322 B.C.*, Arno Press, New York, 1979

RHODES, P. J., *A History of the Classical Greek World 478-323 BC*, Blackwell History of The Ancient World, Blackwell Publishing, 2006

– *The Athenian Boule*, Oxford, Clarendon Press, 1972

SABIN, P., Wees, H., Whitby, M., *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare, Volume 1: Greece, the Hellenistic World and the Rise of Rome*, Cambridge University Press, Vol. I, 2007

TALBERT, R., *Atlas of Classical History*, London, Routledge, 1985

USHER, Stephen, *Greek oratory, Tradition and originality*, Oxford University Press, 1999

WERNER, Jaeger, *Demostenes*, Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1945

WOOTEN, Cecil, *A Commentary on Demosthenes' Philippic I With Rhetorical Analyses of Philippics II and III*, Oxford University Press, 2008

WORTHINGTON, Ian (ed.), *A companion to Greek Rhetoric*, Blackwell Companions to the Ancient World, Blackwell Publishing, 2010

Estudos:

CAWKWELL, G. L., «Demosthenes and the Stratiotic Fund», *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 15, Fasc. 4, 1962

- «Eubulus», *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. LXXXIII, 1963
- «Aeschines and the peace of Philocrates», *Revue des Études Grecques*, Tome LXXIII, No. 347-348, 1960
- «Aeschines and the ruin of Phocis in 346», *Revue des Études Grecques*, Tome LXXV, 1962
- «Euboea in the late 340's», *Phoenix*, Volume XXIII:1, 1978
- «The peace of Philocrates again», *The Classical Quarterly*, Volume XXVIII, Number 1, 1978

MADER, Gottfried, «Praise, blame, and authority: some strategies of persuasion in Demosthenes, *Philippic 2*», *Hermes*, Volume 132, No. 1, 2004

MARKLE, M. M., «Demosthenes' Second Philippic: A valid policy for the Athenians against Philip», *Antichthon*, Volume Fifteen, 1981

Anexo

A.1 A expansão do poder macedônico, 359-336

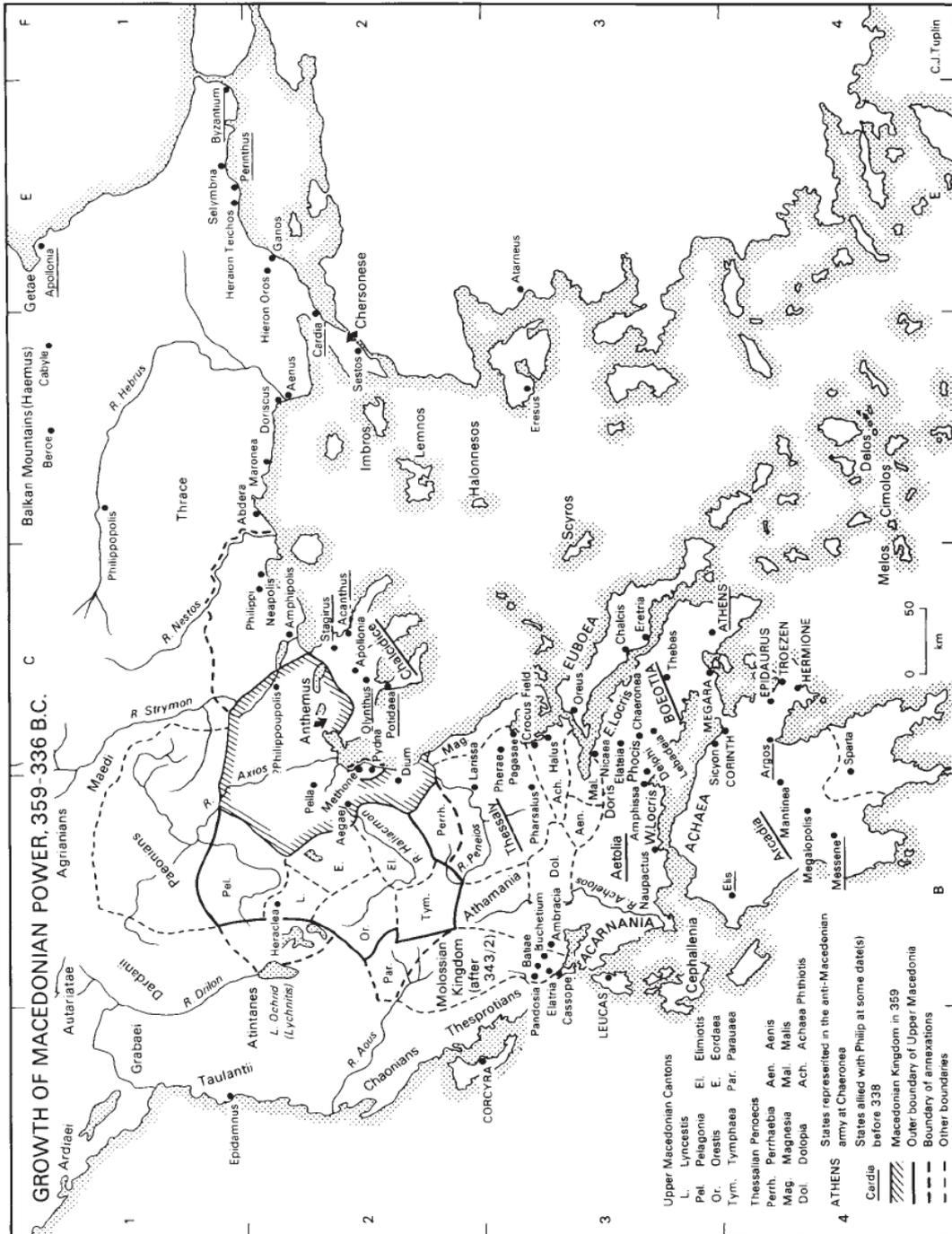


Figura 1 – Mapa retirado de *Atlas of Classical History*, p. 62